Alma Rubens.

ANNO V
NUMERO 223

PREÇO: 1$000

Para todos...

Questionario

Toda a correspondencia para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164 Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidavel affluencia de cartas para esta secção, muitos aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella encontram e a nós um trabalho excusado de compulsar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o praso das respostas. No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possivel os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo, passarem com outros nos Estados.

—

RENATO FERREIRA (Rio) — *Who's who on the Screen* e Motion Picture Studio Directory; este ultimo, publicação annual. Muito resumido tudo, mas com todos os principaes caracteristicos. Só mandando buscar nos Estados Unidos. Aqui não encontra.

LIMA MORAES (Santos) — Em qualquer dos dois 25 cents. em sellos (coupon réponse), que adquirirá no Correio. Direcção bem clara. Como elle esteja actualmente afastado da tela, não lhe podemos dar o endereço exacto.

QUASIMODO (Porto Alegre) — Creio que é baldado o seu intento. Entretanto, vá a qualquer fabrica e proponha-se.

MARY MAC LAREN (Monte Azul) — Deixal-os falal-os que elles calarão-se-ão-se.

JOAQUIM DIVRES (Rio) — 1º, 2º e 5º, 485, Fifth Avenue, Nova York City, N. Y. 3º, 1476 Broadway, New York City, N. Y. 4º, Fóra do cinema, actualmente.

CYCLONE SMITH (Recife) — 1º A Universal nunca distribuiu films da Metro. 2º, Producção média para centros de pouca cultura. 3º, Em "The Fox": *Ol Santa Fé*, H. Carey; *Sherif Mart Fraser*, George Nichols; *Stella Mart Fraser*, Gertrude Olmseal; *Annette Mart Frazer*, Betty Ross Clarke; *Dick Farwell*, John Harron; *A Sra. Farwell*, Gertrude Claire; *Rufus Coulter*, Alan Hale; *K. C. Kid*, George Cooper; *Pand*, Breezy Eason Junior; *Black Mike*, Ch. Lemoyne, etc. 4º, Film d'Art; 5º, Hoot Gibson, Priscilla Dean Herbert Rawlinson, Reginald Denny, House Peters, Art Acord, Gladys Walton, Norman Kerry, Mary Philbin, Virginia Valli, etc., etc.

FANCISCO BEVILAQUA (Nictheroy) — 485, Fifth Avenue, New York City, N. Y.

ANTONIO ROLANDO (S. Lourenço) — 1º, Potoca, filho, ella já arribou para a Argentina; 2º, Prejudicado; 3º, Pelo Natal; 4º, Ignoramos; 5º, Breve. Não se esqueça, se escrever outra vez, de sellar a carta, ouviu?

ABORRECIDA SONSINHA (?) — Anita Stephenson? Não será Stewart? O segundo já morreu ha muito tempo. Baby Montgommery é o nome da pequena.

ALADINO MARAVILHOSO (Rio) — Pois sim.

CASSINHA (Laguna) — "Ten of the Storm Country", segunda edição muito augmentada e melhorada, que só agora em principios do anno passou em Nova York. Beverly Hills, Hollywood, California.

JACK (Guaratinguetá) — Illusão sua. Quanto á sua segunda pergunta, meu caro, é trabalho demasiado que nos quer dar. E a terceira depende de verificação. Uma coisa lhe podemos assegurar: é que dentes chumbados a ouro não são permittidos, na tela apparecendo pretos.

LOUQUINHOS POR ELLA (Laguna) — 485, Fifth Avenue, New York City. Diz que tem 21 annos. Solteira. Conforme o gosto de cada um.

BITI TOSSAN (Cincinato) — 10th Ave. 55th to 56th Street N. Y. C. Entende inglez.

BOXEADOR MINEIRO (Bello Horizonte) — 1476, Broadway, New York City, N. Y. No Correio ha desses coupons á venda. Nunca podemos attender com a urgencia que todos desejam, respeitando a ordem chronologica da chegada.

B. S. Amarante (S. Paulo) — Em geral duas. Americanas ambas.

WILLIAM FOX — (S. Paulo) — Não seja bobo.

TURMALINA ROSA (?) — Recebidos.

APRIS FUM (Recife) — Tantas quantas ceroulas.

JOSE' MARIA (S. Paulo) — Attendido.

FRANK WILLIAM (Natal) — Isso tudo nós já publicámos ha annos. O endereço ponha-o onde quizer. E' preciso que seja claro. E sellos compre-os no Correio Geral, "coupons réponse", para cada retrato, 25 cents., mais ou menos 2$200, ou onze de 200 reis.

K. LUA (Rio) 10th Ave. 55 th to 56 th Str. New York City, N. Y., casada, 21 annos.

MORIN (Manhúmirim) — 1º, Em Pittsburgh, Pa. Solteira, 22 annos; 2º, Não lê esta revista? Se lesse não faria a pergunta; 3º, 25 cents., 2$200 mais ou menos. No Correio. 4º, Porque não existe.

JIM FOX (São Paulo) — Em tempo.

GEORGE WALSH (S. José dos Campos) — Trabalha actualmente em um film da Goldwyn. 469 Fifth Ave., New York City, N. Y.

LUCIA MARIA (Rio) — Pois não percebeu que são uma e a mesma pessoa? Quando sahiu naquella revista era o mesmo della redactor. Aliás, foi publicado em volume "Um sorriso para tudo", sahido não faz muito. Faça melhor juizo dos outros, menina. Juizos temerarios recommendam os Evangelhos que sejam evitados, pois constituem peccado.

AMAZILIO NEIVA (Rio) — Não tem o Album? Pois publicamol-os todos e continuamos mensalmente a publicar no *Para Todos...* os endereços novos, para evitar trabalhos excusados com semelhantes perguntas.

X. P. T. O. (Paraná) — 1º, Só pelo Natal; 2º *Dynamite Dorsey* — Buck Jones; *Anita Calhoun*, Betty Francisco; *Val Nelson*, *Jack Mower*; Sheriff Garrity, J. F. Mc. Donald; *Coronel Calhoun*, H Van Sickle; *Chuck Dillon*, William Steele, etc., etc.; 3º Bernard Durning, marido de Shirley Mason e director de scena.

Os Films da Semana

NO PATHÉ

William Russell é um "galan" sympathico. O nosso publico admira-o sempre. Dos romances de aventuras é elle um dos mais applaudidos interpretes. Por isso, talvez se tenha salvado da banalidade o *film* da Fox "A grande noite". William Russell exhibe-se ao lado de Eva Novak, encantadora caixeirinha que elle vae descobrir depois de uma série de aventuras, fugindo a um regimento de mulheres, que, por annuncio, o pretendiam para marido, em companhia dos seus varios milhares de dollars... O *film* é fraco, não traz nenhuma novidade, mas algumas situações comicas permittem vel-o até ao fim, assistindo o espectador a mais um casamento de William Russell com Eva Novak.

✣

"Deus-Amor-Peccado" é um bello *film*. Sua grande montagem, realçando em meio de um guarda-roupa admiravel, encanta o espectador que tanto se interessa pela poesia do romance, como pela pompa de seus scenarios grandiosos. O *film*, não ha duvida, tem arte bem cuidada. Não foi desbaratado o trabalho de seu creador, querendo reproduzir mais essa pagina das maravilhosas tragedias dos Cesares e suas luxurias.

Mas que infinidade de *films* já vimos com semelhante motivo e reproduzindo sempre essas scenas capitaes? E' uma série quasi interminavel a que tem passado pelos nossos cinemas... Entretanto, é justo louvar os que, como "Deus-Amor-Peccado", se revestem de tanta fantasia, tanta arte, tanto luxo...

O *film* agradou.

NO ODEON

O Odeon que, seja justo repetir, vae offerecendo á nossa platéa uma programmação digna de todos os applausos acaba de passar no seu *écran* uma das mais interessantes comedias dos ultimos tempos — "Prodigio e amor". Seu interprete, o comico inglez Leslie Henson, agradou francamente. Seu typo, sympathico e curioso, e as meninas galantes com que nesse trabalho se nos apresenta, garantirão, certamente, o successo de outras creações. O *film* desenvolve-se em meio de uma série de "trucs" estupendos de comicidade; é simples em todos os seus detalhes e o espectador não sente, como sempre acontece em semelhantes trabalhos, a sua attenção embaraçada pela multidão de situações mal arranjadas que tentam fazer rir.

"Prodigio e amor" é um bom *film*.

NO PALAIS

Depois do desastre vergonhoso da Empresa Rombauer, desprezada pelo publico e sob os olhos da justiça, o Palais talvez entre em melhores dias... Entretanto, ainda não é já. O Palais só póde exhibir *films* alugados no momento. Assim, o espectador verá uma boa producção da mesma maneira que póde acertar num milhar da loteria — a questão é de sorte. Elle acerta hoje, mas, voltando amanhã, perde tudo...

Esta semana que registramos, pelo Palais passaram dois *films* da Paramount... Da Paramount, especialmente reservados pela empresa americana para casos como o do Palais... *Films* separados da boa producção e que, não havendo outros, podem servir tanto ao Palais como ao Central.

"A gazella de ouro" e "Aventuras de Anna Bella", exhibidos assim, na Avenida, se continuarem, acabarão prejudicando, primeiramente, o Cinema Avenida, e, mais tarde, a propria Paramount.

NO AVENIDA

"Amar, crer e ousar", da Paramount, é talvez a millesima reproducção dos romances tragicos que os *films* americanos nos offerecem, irritantemente, das questões de limites entre propriedades visinhas nas regiões creadoras da America. Como sempre, não escapam o famigerado *bar* e mais a sua caixeira e todos os typos que o caracterisam.

✣

"Atraz da porta", como tragedia de mar, tambem não nos mostra, no motivo, lá grandes coisas... Alguns de seus detalhes estão sempre por ahi muito repetidos em producções semelhantes, até mesmo da propria Paramount. Mas o trabalho de interpretação é notavel. Hobart Bosworth é um grande actor. A tragedia que elle representa, num requinte de vingança, em que todo seu organismo, todos os seus sentidos parecem tomar parte, é maravilhosamente creada por elle. Nesse trabalho, os admiradores de *grand-guignol* muito terão que admirar.

NO PARISIENSE

"Corações humanos", da Universal", é desses *films* cuja especialidade maior é mexer com o nervos de alguns, ao contrario do que faz a outros... sorrir de certos ridiculos... Nós, francamente, não gostámos do *film* e ainda mais da maneira por que o lançaram, comparando-o ao inesquecivel "Honrarás tua mãe". Em "Corações humanos" é só o trabalhão muito dignamente apresentado com todos os seus matadores... Tem arte, não duvidamos, mas uma pitadinha tão insignificante que, ao sahirmos do Parisiense, a banda allemã, que *funccionara* mais adeante, nos fez logo perder todo o sabor.

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 12 A 18 DE MARÇO DE 1923

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLASSIFICAÇÃO
Fox.	Pathé. . . .	A grande noite (The great Night). .	William Russell e Eva Novak. . . .	1922	... 5 ...
Decla.	Odeon. . . .	Deus-Amor-Peccado.	Marga Kierska.	?	... 7 ...
Cecil Hepworth	Pathé. . . .	Prodigio e amor ou O botão magico (Alf's Buton).	Leslie Henson.	1921	... 8 ...
Cardinal. . .	Palais. . . .	A gazella de ouro (Turning the Table).	Dorothy Gish, Raymond Cannon e George Fawcett.	1919	... 4 ..
Cardinal. . .	Palais. . . .	As aventuras de Anna Bella (The Antics of Ann).	Anna Pennington, Crawford Kent e Ormi Hawley.	1918	... 4 ...
Paramount. . .	Avenida . . .	Amar, Crer e Ousar (The Cowboy and the Lady).	Mary Miles Minter, Tom Moore e Guy Oliver.	1922	... 5 ...
Paramount. . .	Avenida	Atraz da porta (Behind the Door)	Hobart Bosworth, James Gordon e Jane Novak.	1920	... 7 ...
Universal. . .	Parisiense. . .	Corações humanos (Human Hearts).	House Peters, Gertrude Claire, Russell Simpson, Edith Hallor, Mary Philbin, George Hackatorne e Ramsey Wallace.	1922	... 0 ...
Hodkinson. .	Central. . . .	Esposas modernas (Affinities). . .	John Bowers e Colleen Moore. . . .	1922	... 9 ...
Rob. Col.. . .	Central. . . .	813 ou Arsenio Lupin (813).	Wedgwood Nowell, Wallace Beery, Ralph Lewis e Kathryn Adams. . .	1920	... 5 ...
Svenska. . .	Ideal.	Supplicio de mãe.	Pauline Brunius.	?	... 4 ...
Universal. . .	Ideal. . . .	Uma empreza arriscada (Dangerous Gang).	Gladys Walton.	1923	... 6 ...
Universal. . .	Colombo . . .	Uma noite maravilhosa (One wonderful night).	Herbert Rawlinson e Lillian Rich. .	1922	... 5 ...
Arrow. . . .	Popular. . .	A pupilla dos quatro tutores (A motion to adjourn).	Roy Stewart e Marjorie Daw. . . .	1922	... 4 ...

NO CENTRAL

"813 ou Arsenio Lupin"... Emfim, vá lá!... Mais uma vez... Arsenio Lupin em cinematographia e no Central! A producção começou a passar e nós a esperarmos a novidade no assumpto... Algum "truc" novo, alguma apresentação desconhecida nesse genero de trabalho e fomos assim até ao fim... Subito, nossos olhos se alegraram por ver aquelle gesto resoluto que destróe toda a historia de Arsenio Lupin e que envergonhava a França e que tambem nos servia, marcando o fim da producção e a nossa sahida do Central.

❖

"Esposas modernas", da Hodkinson, é outra comedia que interessará bastante o espectador... Ha alegria, luz, felicidade... O *film* tem alguns detalhes curiosos e as scenas de seu romance se precipitam umas atraz das outras, num bom humor, que enthusiasma.

NO COLOMBO

"Uma noite maravilhosa" tinha uma recommendação especial de Carl Laemmle, mas nós o achámos um *film* commum.

Quando é que Herbert Rawlinson, o sympathico *detective*, *Quest* da *Caixa Negra*, fará coisa semelhante ao "Erro incorrigivel" e a "Collinas de ouro"?

"Uma noite maravilhosa" talvez seja mesmo o peor *film* do seu actual contracto. Ha, porém, coisas bem feitas... o *film* foi dirigido por Stuart Paton, que é especialista em *films* de ladrões... Lá está o seu artista preferido, Joseph Girard, mas que desta vez, faz um chefe de policia! E ha tambem muitos soccos, mas, oh! que soccos! Herbert Rawlinson é quem os imita melhor no cinema, se é que aquillo é fingido!

Comtudo, ha dois trabalhos originaes. São os de Sidney Bracey e Dale Fuller, a creada de "Esposas ingenuas", respectivamente, nos papeis de creado e creada. E não é para admirar, ambos são excellentes artistas.

NO IDEAL

"Supplicio de mãe". Ha muito tempo que não viamos *films* da Svenska. Antigamente, quem os trazia para o Rio era o Sr. Staffa, mas, com a retirada deste do cinema, nada mais veiu, a não ser um ou outro de vez em quando, importado pelo Sr. Bickarck. E foi assim que tivemos a occasião de apreciar "Supplicio de mãe", com Pauline Brunius no papel principal, que não é má artista. Não sendo feia tambem, — bem sympathica até — ella é bastante desembaraçada e expressiva, tendo representado o seu papel com muita naturalidade. Nota-se que não é uma principiante, porém, agora de momento, não temos lembrança de a ter visto antes.

Achamol-a muito parecida com a sua patricia Betty Nansen. Os seus desconhecidos coadjuvantes vão regularmente. Technica soffrivel e photographia, em algumas scenas, muito escura.

❖

"Uma empreza arriscada" não é um "grande" *film*, mas agrada bastante. Cheio de scenas muito humanas e sentimentaes, o *film* mantem interesse. Estão voltando a dar boas historias a Gladys Walton. Outra coisa de que ella precisava tambem, era um bom director e King Baggott tem sabido aproveital-a. Ha scenas muito boas. A do jantar em casa dos Kellys e a da sessão espirita chefiada por Harry Carter são esplendidas. Otto Hoffman, no papel de tio perverso, tem um bom trabalho. Elle é um excellente caracteristico. Bom *film*, nós gostamos.

NO POPULAR

"A pupilla dos quatro tutores" é um *film* fraco, com enredo muito batido. Aquella sociedade com pretensão a fazer rir e muito "cacete". Muito longo, montagem bastante pobre.

Roy Stewart vae bem, mas é um actor sem admiradores e os poucos que possue apreciam-n'o mais em *films* de séries, como "O rei da radiotelegraphia" e do *far-west*, como os seus antigos da Universal e Triangle.

E, no entretanto, elle tem tomado parte em *films* finos e importantes.

A melhor coisa do *film* é a presença de Marjorie Daw e o seu trabalho. E' admiravel, Marjorie, nesta fita.

Os demais artistas são todos sem valor, baratos, e vão mal. Até William Carroll, que nos tem dado tão bons trabalhos, apparece com umas barbas de palha, que irritam a gente.

GRANDE SORTEIO

DO

PARC ROYAL

Condições do seu funccionamento

A firma VASCO ORTIGÃO & C., proprietaria dos grandes armazens PARC ROYAL, ao Largo de S. Francisco, no Rio de Janeiro, resolveu instituir, de accordo com o decreto n. 12.475 de 23 de Maio de 1917 que regula a distribuiçao de premios por sorteios, um grande premio diario no valor de CEM MIL RÉIS em mercadorias, que será sorteado entre a clientela do PARC ROYAL por meio da Loteria da Capital Federal e na falta d'esta pela do Estado do Rio de Janeiro.

"FAC-SIMILE" DOS COUPONS A DISTRIBUIR

Este sorteio é composto de 1000 coupons devidamente numerados e authenticados conforme o presente exemplar, os quaes são distribuidos gratuitamente aos primeiros mil freguezes do PARC ROYAL no acto do pagamento de suas compras.

Tambem são distribuidos estes coupons aos freguezes dos Estados que fazem suas encommendas por meio de correspondencia, catalogos e amostras, acompanhando seus pedidos da respectiva importancia.

Os **coupons** consideram-se premiados quando o seu numero equivaler á terminação do primeiro premio, interessando para este caso sómente as terminações comprehendidas entre 001 e 1000.

Este COUPON é valido por TRES MEZES

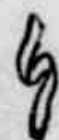
Não serão acceitos os COUPONS dilacerados ou defeituosos cuja legitimidade não possa ser verificada

Vasco Ortigão & C.

QUE OCURRENCIA

TANGO — V. J. Troysi

REPERTORIO DA ORCHESTRA PICKMANN

p
p
pp
TRIO
ff
bien marcado
D.C

Suave
como uma
caricia-Cutis branca
Unida-Côr de
Saude:
POLLAH
Devolve o tom primaveril a um rosto que sendo ainda joven, está condemnado, pelas imperfeições da cutis á :: :: triste melancolia outona :: ::
Sentia verdadeiro pavor ao me ver no espelho com espinhas no queixo, quantidade de cravos no nariz, manchas perto dos olhos, grãozinhos na testa, nariz avermelhado, precisando fazer prodigios com col-crêmes, aguas brancas e pó de arroz, para conseguir um rosto apreciavel, não enganando senão a mim propria, a principal interessada. Experimentando tudo que me ensinavam, interna e externamente, só consegui em alguns casos peorar meus defeitos — e assim continuava de desillusão em desillusão até que tive a ventura de conhecer o CREME POLLAH — verdadeira maravilha, que em poucas semanas transformou completamente a minha cutis, fazendo desapparecer todos os defeitos. Não tenho palavras para descrever minha alegria, ao me vêr livre das espinhas, manchas, vermelhidões e vêr meu rosto liso, branco, com aspecto de saude, contentando-me a mim mesma, graças unicamente ao CREME POLLAH.
GRAZIELLA RUTH
O ideal de um rosto bonito não é só a belleza da forma, mas a limpeza da cutis, a ausencia de espinhas, manchas, escoriações, vermelhidões, cravos, póros muito abertos. A cutis deve ser bem unida, sem quasi perceber-se os póros, branca ou morena, conforme a pessoa, porém, de um tom uniforme, limpa, sem manchas, sem pannos, sem asperezas, emfim, deve ter a semelhança da porcellana. Este é o segredo do CREME POLLAH — que transforma as cutis pouco agradaveis em rostos delicados, curando, modificando, unindo e devido a esse resultado é que o CREME POLLAH DA AMERICAN BEAUTY ACADEMY (Academia Americana), está cada vez mais procurado em todo o mundo. O CREME POLLAH encontra-se na Casa Crashley, Rua do Ouvidor e nas principaes perfumarias do Brasil. — Remetteremos gratuitamente o livrinho ARTE DA BELLEZA que ensina a hygiene e modo de embellezar a cutis, a quem enviar o "coupon" abaixo aos representantes da "American Beauty Academy" — Rua Primeiro de Março, 151, sobrado.
(PARA TODOS) — Córte este coupon e remetta — Srs. Reps. da "AMERICAN BEAUTY ACADEMY," rua 1º de Março n. 151, sob. — RIO DE JANEIRO.
NOME
CIDADE
RUA
ESTADO

Para todos...

Rio de Janeiro, 24 de Março de 1923

M O C I D A D E . . .

FINAL, decidiu ir a um medico. Não tinha socego desde a manhã em que na bocca sentira um gosto de sangue. Os olhos, dia a dia, se lhe afundavam, uma corôa roxa em volta, tornando-a mais bella, mais perturbadora no terror da morte. O pulso, ás vezes era accelerado, ás vezes lento, pausado, como a resonancia longinqua de uma marcha funebre... Um halito de febre partia-lhe os labios. E, principalmente, a dôr, que lhe pisava as costas e o peito, augmentou o desanimo da pobre creatura. Se estava tysica, nunca mais elle a teria!... Punha um resto de esperança nessa consulta. Foi. O medico, a principio, quiz esconder. Mas, depois, a custo, disse a verdade, a triste certeza... E, ao despertar, no outro dia, o esculptor encontrou sobre o leito estas palavras, escriptas numa folha de livro: "Meu amor, quando acordares, não me verás mais junto de ti. Agora mesmo adormeceste. O teu somno vae sereno. Anda um sorriso no teu rosto, um bom sorriso. Os teus cabellos, onde tantas noite as minhas mãos dormiram, estão desfeitos em torno da tua cabeça. Deixo-te. Fica de mim na tua vida a imagem de uma passante que não era como ninguem, que te amou e amou a tua arte. Nem sei se mais te amei do que a ella! Vejo daqui, deste canto, o atelier, *janellas abertas para o luar. Lá dentro, ha um blóco de marmore por esculpir. Dá-lhe a fórma do meu corpo, num gesto de adeus... Chama-lhe...* Mocidade... *Trabalha. Sê um grande artista. Meu amor..."*

ALVARO MOREYRA

"UM SORRISO PARA TUDO..."

BILHETE LYRICO A ANTONIO FERRO

Acabo de ler neste momento a sua Idade do Jazz-band. *Bem sabe V. com que volupia eu a lia agora. Porque eu tenho a idade da* Idade do Jazz-band. *Eu appareci em publico, pessoalmente, com a* Idade do Jazz-band. *Na minha vida de desvirtuador de palavras, ella será para mim um kalendario. Será o quadrante da minha Hora publica. Hora que eu hei de maldizer porque passará. Porque eu desejaria ser sempre uma pessôa de pouca idade, como a idade de certas pessôas...*

Seja, porém como fôr, serei sempre grato a V. pela sua nobreza de amigo e pela sua deslealdade de escriptor. Porque hoje só é escriptor aquelle que desvirtua a palavra. A palavra, na sua significação certa, sem a significação de marionetti, *que V. lhe deu na* Idade do Jazz-band, *é como uma pessôa de idade...*

Se a palavra é o corpo e o pensamento a alma, como querem os homens de todas as idades que o corpo danse, *se mexa, se desarticule, faça caretas, piruetas, imite os gestos, as attitudes, o geito de andar e de falar dos outros... emquanto é tempo. Emquanto o pensamento não se artificialisa tambem, emquanto elle não se naturalisa palavra...*

E paro aqui. Estive a dansar e vou sentarme. Antes que a dansa se perpetue, antes que as minhas palavras imitem o geito de andar das suas... Antes que ellas se deixem possuir pelo seu pensamento...

Paro, tonto da Idade do Jazz-band, *tonto d'aquelle jazz-band de palavras, sem achar palavras, sem achar pensamento para o elogio d'aquella dansa de palavras, das suas palavras Karsavina, mulheres lindas e loucas, todas vestidas de pensamento, completamente nuas, qual se a alma pudesse andar por fóra, e peccadoras como a minha attenção para ellas...*

Meu grande, meu bom Antonio Ferro, — não venha outra vez pedir-me para dansar! — ON

Murillo, filho do Dr. Oduvaldo Moreira, e sua priminha Maria, fantasiados de portuguezes.

◇

O AMAVEL DESTINO

Todas as mulheres, se isso estivesse em mim, haviam de nascer lindas. Serem lindas, — eis todo o seu amavel destino, igual ao das rosas e, como o das rosas, ephemero. Nada me enche tanto de melancolia e me commove tanto como uma mulher feia. Quanta vez uma horrivel mascara humana não é senão o ergastulo de uma almazinha anciosa e cheia de luz? De mim, chego a ter a impressão de que todas as mulheres feias têm a alma linda assim, e, portanto, dolorida, afflicta. E ellas, por isso, me fazem lembrar, com uma infinita tortura e uma infinita piedade, o supplicio angosto dos emparedados...

LEOPOLDO PÉRES

Carnaval no Rio Grande do Sul — Senhorinhas e rapazes da alta sociedade de S. Borja

T E L E P H O N E M A

Allô ! — E's tu ? — Bom dia, flor do dia !
Ha quanto tempo !... Eu bem que te dizia:

Tudo passa no mundo... tudo... A gente
Custa a gostar e esquece de repente.

Por que tudo isso ? Pelo simples facto
De eu conservar commigo o tal retrato ?

Mas, filha, eu nada tenho a vêr com ella.
Mais bella do que tu? Muito mais bella?

Deixa-te de dizer tanta tolice...
E' a sociedade, o tal disse, não disse

Que anda pondo veneno na tua alma...
Porque essa gente não me deixa em calma?

Eu culpado? Por que? Ora, esta é bôa...
Isto de flirt, *amor, é cousa a tôa.*

Não tem sequer a minima importancia...
Aquillo ? Apenas uma extravagancia.

Ella quiz. Eu sou homem... Quem te disse?
Ella propria ? Bandida ! Quem não visse

Não n'a julgava assim capaz te tanto...
Naturalmente. Eu sei que não sou santo

Mas te amo e faço tudo quanto queres...
Eu ? Infamia ! Eu nem gosto de mulheres...

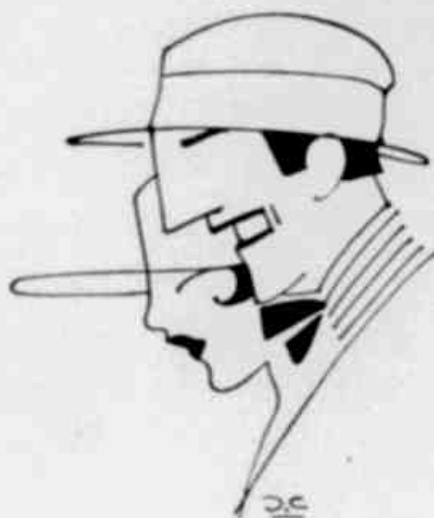
Como posso esquecer-te ? Os meus momentos
Giram em torno de dois pensamentos,

O meu e o teu. O resto pouco importa...
Tua cigarra ? Minha folha morta !

Appêllo para o Alvaro Moreyra :
Eu nem brinquei no baile. Terça-feira

No High-Life ? Isto é demais. Eu fico louco.
Por tão pouco ? Então achas que isto é pouco ?

Pois bem. 'Stá combinado o novo arranjo.
Tu és um anjo simplesmente, um anjo.

Então não sinto ? ! o cheiro, a essencia louca
Vem pelo fio e chega á minha bocca.

E desce ao corpo num frisson... *Delicia*
De todas as delicias... A caricia

Melhor, aquella que se faz de leve,
Que se quer revelar mas não se deve,

Porque perde o sabôr quando se fala.
Lembras-te? Em Maio. Eramos sós na sala

Tocaste Il neige. *Eu, tremulo, a teu lado,*
Tinha beijos no olhar para o teclado

De onde tiravas toda a dôr ambiente...
Depois, a tua bocca surdamente

Poude dizer: tão bom... E o teu desmaio ?
E o meu delirio ? O' tarde azul de Maio !

E agora ? O esquecimento... Não ? Eu vejo,
Eu sinto... Tens saudades do meu beijo ?

Muitas ? Então combina... Na cidade ?
Naquelle canto onde iamos os dois ?

Allô ! Telephonista, por piedade...
— Provavelmente chamarão depois.

JOÃO DA AVENIDA

"Este livro é um documento gentil do espirito", declara o autor na preciosa collecção de pensamentos, ou melhor, de paradoxos, lembrando as admiraveis e cada vez mais estimadas Intenções, *de Oscar Wilde, com que inicia o seu livro, primorosa e encantadora edição da casa Monteiro Lobato. E todos os que lerem este lindo album poetico hão de dar, sem duvida alguma, inteira razão ao Sr. Oswaldo Orico. Com effeito, poucas obras documentam melhor, e mais delicadamente, uma certa maneira de comprehender e de sentir a vida, do que a* Dansa dos Pyrilampos, *que, sob este ponto de vista, é de uma completa sinceridade, como quer o autor. E vemos assim que o Sr. Oswaldo Orico, logo no começo do seu livro, sem declamações emphaticas, nem extenuantes tiradas, mas, ao contrario, com uma louvavel precisão, poupou todo o trabalho aos criticos — entre os quaes não temos a pretensão de formar: Deus nos livre! — definindo sem exaggero o caracter e o alcance do seu esforço.*

Mas, não demoremos, ao leitor, o prazer de entrar em contacto com as authenticas bellezas que se encontram no volume.

Ao prefacio, seguem-se duas partes. Canção da cidade em movimento *e* Os Arrabaldes, *inspiradas pela vida trepidante e polymorpha do Rio de Janeiro. O Sr. Oswaldo Orico não é desses poetas que vivem a cantar os pés da mulher amada, os olhos negros (ou azues) de qualquer maravilhosa flor humana, colorindo e perfumando, com mais ou menos geito, a força brutal de inilludiveis instinctos. Não. Permitte-lhe, a sensibilidade rica que possue descobrir o traço poetico mesmo nas coisas que, aos outros homens, parecem mais aridas e corriqueiras. Qualquer simples mortal passaria pela frente duma joalheria, por exemplo, sem sentir nada de extraordinario, a não ser, talvez, um ardente desejo de possuir e gosar tanta riqueza accumulada e inutil. O Sr. Oswaldo Orico, que não é um temperamento commum, canta:*

"Pelas vitrinas olho o interior silencioso
daquella casa rutilante — a Joalheria.
Existe alguem, que ao fundo, embriaga-
[do de goso,
nem adivinha que lá estou, numa ale-
[gria,
a vel-o trabalhar discreto e silencioso,
analysando a sua intima agonia.

Lá fóra, cresce o borborinho da cidade.
E todo o mundo volta o olhar, — que
[maravilha,
vae dizendo de si para si — na ansie-
[dade
com que um collar, posto á vitrina,
[brilha."

Com a mesma seductora harmonia e a mesma elevada inspiração, prosegue esse lindo poema, e foram concebidas tambem as outras partes do livro, em que sobresaem as intituladas: O Mestre da Alegria, Os pequeninos dramas da Vida, Torneio de Metrificação, Paginas de Esthetica. *Uma dessas paginas é a seguinte, realmente adoravel na sua simplicidade:*

VERHAEREN

Para consolar a desharmonia do meu
[rythmo
agitado por um rumor
desde a noite ao começo da aurora,
estive a reler agora
o poeta Emile Verhaeren,
morto no desastre de um trem de ferro.
Seus versos são docemente tumultuosos.
Elles têm qualquer coisa dos meus ver-
[sos.

Como se vê, o Sr. Oswaldo Orico tem a nobre coragem de confessar as suas admirações literarias, e é daquella fórma superior que sabe glorificar poetas como o autor de Les Villes Tentaculaires, *cujo renome certamente attingirá, se continuar a produzir obras valiosas como a* Dansa dos Pyrilampos.

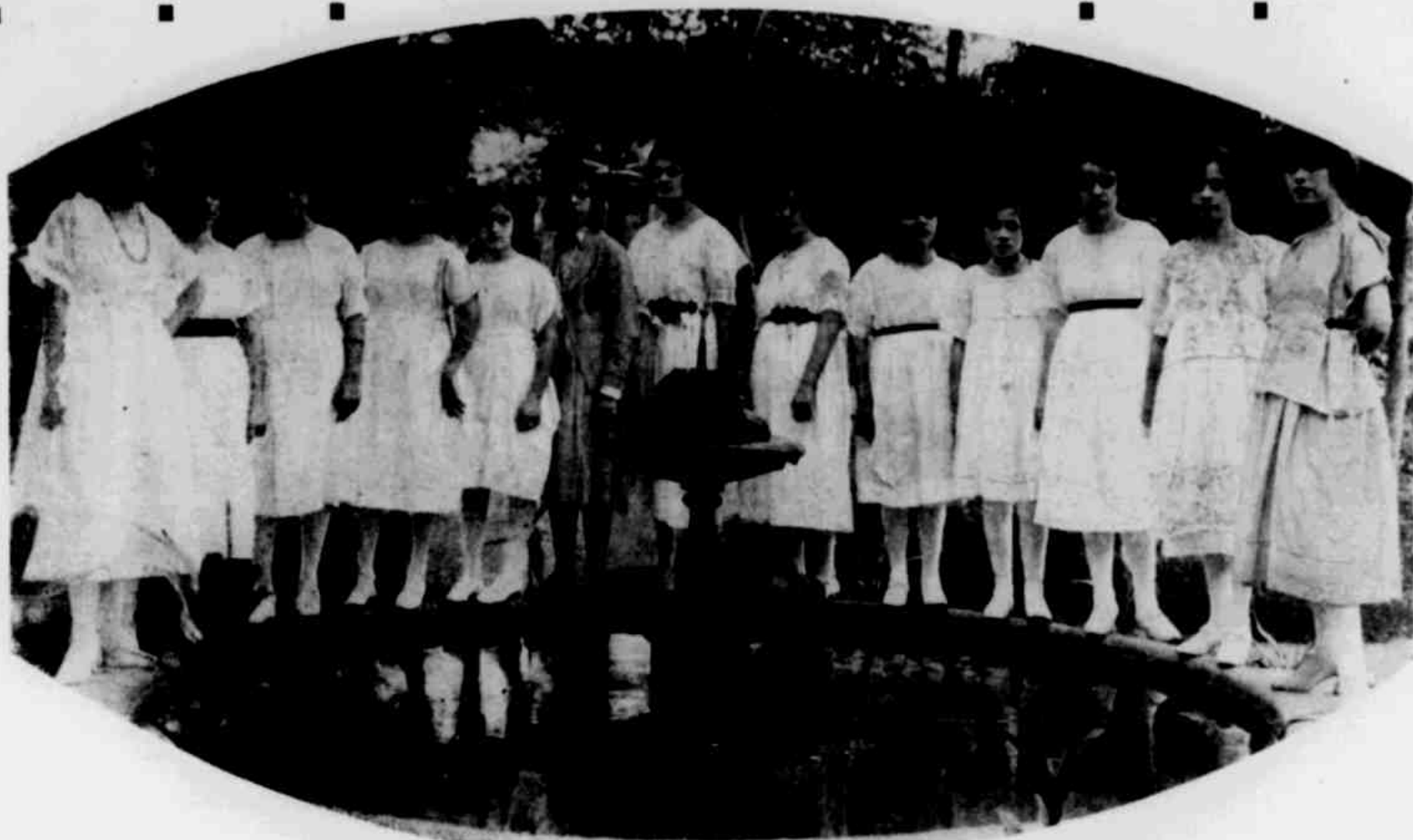
I. G. M.

MUITO VELHO

— Mas, o Commendador deve ser muito velho!...
— Muito, minha senhora, sou ainda do tempo em que as mulheres se vestiam!

(Desenho de Fritz)

NA PRAIA DE COPACABANA

MANHÃ CEDO NO MEZ DE MARÇO

Grupo de senhorinhas no Jardim Publico de Guarará, Estado de Minas Geraes

AO LONGO DAS RUAS ERMAS...

A Ronald de Carvalho.

VELHOS e altos portões de ferro, fechando jardins melancolicos de convento, velhos e altos portões, entre muros vestidos de heras e trepadeiras...

O que vós encerraes, piedosamente, silenciosamente, e o que vós escondeis, severamente, piedosamente!

Velhos portões de ferro...

Quantos desejam transpor-vos, para colher á beira de algum lago a flor pallida de suas insomnias, ou para apertar nas suas, as mãos immarcessivelmente brancas de uma creatura triste...

Altos portões de ferro!

No desenho de vossas grades ha circulos, ha curvas que se emmaranham, symbolisando perdidos anceios e fanadas esperanças...

A campainha que do alto vos pende, tem um som agudo, metalico, vibrante, como a despertar a indolencia romantica de vossos sonhos...

Altos e velhos portões, sois como guardas envelhecidos que adormeceram para sempre...

Ao ranger surdo de vossos gonzos, evolve uma procissão lenta de velhos fantasmas, ensaiando vagamente gestos de tristeza calma...

E o luar projecta para além do meio-fio, a sombra alongada e confusa de vossas grades, com doçura, com infinita doçura...

Velhos e altos portões, altos e velhos portões dos jardins conventuaes!...

("Teia de Aranha")

CARLOS DRUMMOND.

O Sr. ministro Edmundo Muniz Barreto e Exma. Familia, depois da missa em acção de graças pelo restabelecimento de sua saude.

A menina não espera da sua boneca uma declaração de amor. Ella ama-a, e eis tudo. Assim é que se deve amar. — REMY DE GOURMONT.

A SCISMA DO POSSIDONIO

Quem quer levar vida pautada, deve ir pedindo a Deus que os miolos fiquem quietos no logar em que a natureza os collocou. Se elles se remexem, nunca mais os parafusos acertam nos orificios com a segurança primitiva.

Deu-se assim com o Possidonio e tem-se dado com mais pessoas, algumas conhecidas e de alta cotação. O Possidonio foi sempre apreciado como um pé de boi, um homem correcto e escravo dos seus deveres.

Depois que conseguiu a aposentadoria, arranjou, — como verba orçamentaria, — uma escripta e com este biscate engarupado no ordenado, tem-se mantido na linha, fazendo suas despezas e nunca ficando devendo nada a ninguem.

E' methodico, bastante lido, muito intelligente e mesmo com sua lasquinha de illustração. Quasi sempre estão a consultal-o em assumptos de alta transcendencia. Nesses momentos, dá gosto ouvil-o: — commenta, raciocina, analysa tudo com a clareza de um livro aberto.

Deve andar agora beirando os sessenta. Nessa idada, — como é sabido, — o organismo depaupera-se. Com as prégas que vêm e os dentes que vão, as desillusões não se fazem rogar. Elle, porém, ainda se sentia, não com o enthusiasmo da mocidade, mas com o vigor bastante para não deixar esmorecer a actividade.

Agora sim, com a tal mania que lhe voltou e in crescendo vae-se alargando, tem-se transformado de fórma que o machinismo já anda dando horas nas meias horas!

Senhora Fernanda de Castro Ferro, musa de Portugal, que escreveu os poemas lindos das *Dansas de Roda* e deu á nossa terra, por uns rapidos mezes, a graça de sua presença.

Na hora da despedida de Antonio Ferro ao Rio de Janeiro. O mais moderno artista das letras portuguezas, ao lado de sua senhora, com um grupo de amigos, minutos antes da partida do transatlantico. Antonio Ferro enviará de Lisboa chronicas, que serão interessantissimas, para a nossa revista.

Começou por imaginar, e vivia a lamentar-se a toda a gente, — que sentia um grilo a dar-lhe serenatas na caixa craneana! E eram, — dizia elle, — umas cavatinas de notas tão agudas, que lhe espantavam o somno e lhe roubavam o socego para governar seus dias.

Era o unico traço em que o cerebro parecia não ir em passo firme; quanto ao mais, — um relogio mathematico não regulava com tanta precisão.

A familia, aterrorisada, mandou chamar um medico, dois, tres, — todos os trunfos e naipes na sciencia de curar. Entre elles veiu um novato, mas de reputação brilhante firmada em muitos casos de deixar até os proprios collegas assombrados da sua audacia.

— Então, que é isso? — perguntou-lhe.

— Uma coisa inacreditavel.

— Diga lá.

— Um grilo que veiu fazer toca onde não devia.

— Isso é scisma.

— Não é, doutor.

— Como queria o senhor que elle fosse tomar commodos onde não ha furo de entrada nem porta de sahida?

— Isso não sei nem tenho competencia para clarear. Mas o facto é que elle ahi se acha com saude e bem contente. A prova é que rabeia noite e dia, sem descanso e sem parar.

— Não póde ser.

— Póde, sim, senhor. Nunca faltei com a verdade e não admitto que duvidem da minha palavra, — respondeu, de cara fechada.

— Pois então, se assim é, não ha outro expediente a adoptar. Temos de fazer uma intervenção cirurgica, — coisa rapida e ligeira, — como mandado de despejo para

No pavilhão japonez, da Exposição — Visita dos jornalistas cariocas.

pôr na rua esse hospede importuno, — alvitrou com finura e seriedade.

E decidiu usar de uma mystificação como se lidasse com uma creança a quem quizesse engasopar. Combinou com a familia e á tarde voltou com o estojo para a operação precisa.

Vedou-lhe os olhos e de bisturi em punho, com habil presteza, fez-lhe uma incisura na testa, que em seguida tapou com um adhesivo qualquer.

Possidonio estava pallido, tremulo, mas portou-se com a bravura necessaria. Não soltou um grito, não fez um gesto, não deu um gemido!

— Prompto. Tinha razão: — cá está elle, — disse o esculapio victorioso, tirando-lhe a venda e apresentando-lhe um grilo gordo, bem criado e que sem cerimonia irrompeu logo a cantar com um desembaraço festivo como se estivesse a entrar nas suas sete quintas.

— Então? Ahi está a prova. Neguem agora, se são capazes.

E virando-se para o grilo:

— Grande bandido! Canta, canta, que vou buscar a batuta para te reger a orchestra.

E desde esse momento, Possidonio voltou á despreoccupação antiga e as sombras de tristeza varreram-se do seu lar.

Durante mezes não se falou no phenomeno nem se tocou no assumpto.

Um dia, porém, ao jantar, — um jantar melhorado, até por signal dia de annos, — a filha mais nova, vendo-o de veia afinada ao servir o doce de côco, perguntou-lhe a rir:

— E o grilo?

— Por onde andará? Nem escreveu nem nunca mais deu novas.

— Parece incrivel que o papae acreditasse em semelhante disparate.

— Disparate?!

Ora essa! pois vocês não o viram todos?

— Qual o que. Aquillo não passou de brincadeira com encenação de ferros.

E estouvadamente, em gargalhadas, contou-lhe a farça com as minudencias todas.

Possidonio foi ficando serio, abstracto, pensativo e momentos depois levantou-se agitado, apertando com as mãos a fronte:

— Bem me queria parecer que o maldito tinha voltado. Olhem, escutem, prestem attenção... Não ouvem? Cá está elle com o seu rilhar de sempre: cri... cri... cri...

E assim anda e assim andará, e creio que assim continuará até o levarem ao hospicio ou á cova...

JOTA SÓ.

Dona Leonor de Moura Bastos, directora do Externato do Sagrado Coração de Jesus, cujo anniversario passa hoje.

ONDA

— Nunca lhe contaram a historia da onda?

— Nunca.

— Pois eu lhe conto a historia da onda...

Ella veiu, muito mansa, espreguiçar-se na praia, numa caricia dolente. Parecia o corpo, parecia a alma de uma mulher.

Era immensamente triste. E foi rolando sobre a areia, rolando...

Perto, subia uma arvore, onde folhas seccas punham olheiras de tysica. A onda beijou-a longamente, num beijo de gaze, de espuma...

A arvore, então, derramou duas lagrimas verdes, que a onda levou...

— Só?

— Pois o senhor acha pouco, homem insaciavel?!

C.

A nova directoria da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro

Segunda-feira, 19 de Março, passou o 25° anniversario da morte de Cruz e Souza. Os seus amigos, que o conheceram, e os seus discipulos mais moços, prestaram, nesse dia, culto á saudade do grande artista. Foram em romaria ao tumulo, onde elle descansa, em S. Francisco Xavier, e, á tarde, realisaram uma sessão solemne em homenagem ao poeta e ao prosador. No cemiterio, o Sr. Nestor Victor pronunciou uma sentida oração, á qual pertencem estas palavras:

"Muitos não podem ver ainda bem claro, meus senhores, o que representa de facto nas letras contemporaneas o vulto curioso desse homem negro cujos despojos ha hoje vinte e cinco annos jazem sob a pedra do tumulo.

Todos, quantos se interessam por letras em todo caso, têm o sentimento de que foi elle e com elle quantos trouxeram um sentimento de arte, correlativo ao seu, que produziram o ultimo alevantamento de alma que houve em nossa literatura e com elle a ultima sensação verdadeiramente forte que esta já tenha sido capaz de causar na esphera intellectual do Brasil.

O symbolismo foi entre nós e um tanto por toda parte como um meteoro cuja passagem parece que nada annunciava, meteoro conseguintemente extranho, dir-se-ia, a toda e qualquer especie de solicitação, mas que surdiu no horizonte com as côres imprevistas de uma como aurora boreal, subiu rapido para o seu zenith, antes que os olhos se houvessem affeito a encaral-o, e desappareceu logo, num occaso tambem incalculado, por isso mesmo, entretanto, reforçando a impressão de pasmo que produzira sem que mais nada até aqui consiga, depois que elle veiu, representar um espectaculo sequer equivalente ao seu.

E' que, bem vistas as coisas, elle foi naquella hora para todo o occidente como um dogma a matinas de clarins distantes, clarins que um pelotão de aventureiros desconhecidos e desclassificados, pés descalços e meio uniforme em farrapos, levava á frente, passando sem se fazer annunciar, de antemão, e só com o unico fim de dizer ás almas dormentes que a vida se perpetuava e que a madrugada ahi vinha.

Apenas do que elles queriam falar ao mundo não era da vida terra-a-terra nem do dia mesquinho a que elle se julgava para sempre condemnado.

Elles vinham, pelo contrario, dizer-lhe que era uma vergonha supportar essa vida e esse dia. Que o homem não deixara de ser ainda o homem, aquelle que dentre todos os séres da terra só se podia distinguir pelo Ideal.

E tal foi a eloquencia da suggestão que o toque desses clarins produziu, que este e aquelle, uma multidão dos que se rebolcavam no leito, tiveram curiosidade, quizeram ver. Ergueram-se ás pressas, guiaram-se pelo som como se fosse por mãos amigas e chegaram a ver emfim aquelle d ordenado bando em marcha, com o ar meio perdido, que caminhava para uma voragem.

E' claro, nessas condições, bem poucos os quizeram acompanhar até muito longe. A maior parte contentou-se em vel-os desapparecer na primeira volta do caminho, e dahi a pouco parecia que tudo voltára ao que era, na placidez sensata do epicurismo costumado.

Literatura? Mas nem essa, sceptica ou erotica, faltava, para o entretenimento elegante dos espiritos. Ella continuaria a dominar, cada vez mais, como, de facto, em França ou no Brasil continuou.

Esses outros, que importava, pois que eram doidos, fossem morrer pelo caminho?

Assim raciocinavam os amadores que já tinham seu gosto feito; assim entenderam depois os que educavam seu gosto pelo padrão desses finos sybaritores.

Não houve natureza aristocratica, porém, sobretudo entre os que vieram chegando depois dessa nova singular, a que não impressionassem fundamente as silhuetas esfumadas, mas dramaticas, daquelles vagamundos, ainda mais bellas, vistas visto como as transfigurára a lenda.

Sim, porque elles foram os unicos que a tiveram, e a tiveram porque esta quem a cria não são cenaculos de elogio mutuo, com pequenas habilidades açambarcadoras e iniquas. E' o sentimento de admiração indominavel, é o espirito de justiça irreprimivel e cujo dia tem que chegar.

E' por isso que todos sentimos ter sido Cruz e Souza o cantor no Brasil cuja voz dominava sobre á de todos os outros, embora dignos poetas, que tenhamos tido depois delle até aqui. E' por isso que os symbolistas seus companheiros produzem com elle de conjunto, sejam quaes forem seus defeitos e deficiencias, a impressão de estarem ainda apanhando lá do alto onde se acha o segredo de abalar effectivamente estas almas.

Elles representaram um rapido papel apenas de certo ponto de vista. Foi o papel dos

Busto de Cruz e Souza e a figura allegorica da sua vida e da sua poesia.

Do monumento que será inaugurado em Sta. Catharina, feito por Antonino Mattos.

que enchem o vallado para que depois todo um exercito passe por cima fazendo de ponte os seus cadaveres. Elles isolaram-se da turba para lhe dar um exemplo de coragem e de espirito de sacrificio. Elles foram os nephelibatas, quer dizer, "os homens que se sustentam no espaço", porque não podiam respirar na atmosphera commun e souberam crear nova atmosphera onde a todos fosse dado viver a plenos pulmões. Elles são os irmãos mais velhos desses que ora vêm chegando com outra prudencia, mas por isso mesmo com outra segurança."

Romaria ao tumulo de Cruz e Souza, no cemiterio de São Francisco Xavier, segunda-feira. Photographia do momento em que falava o escriptor Nestor Victor, o maior amigo do Poeta Negro

CASAMENTO AMERICANO

A Companhia Abigail Maia deu ao publico de S. Paulo, no dia 14, a primeira representação da comedia Casamento americano, *de D. Vicentina Soares. Conforme previramos, pela leitura dos tres actos encantadores, o exito foi completo. Todos os jornaes da grande capital fazem longas e sinceras referencias ao trabalho da nossa muito querida collaboradora. Destacamos do* O Estado de S. Paulo *e do* Correio Paulistano, *alguns trechos das chronicas escriptas sobre* Casamento americano. *Do* O Estado: *"E' uma comedia interessante, bem movimentada e com muita verve, além da observação que ella encerra dos nossos costumes, postos em evidencia através de tres actos bem trabalhados. Nota-se, a quem não é estranho ás subtilezas das coisas do theatro, certa depressão em determinadas scenas, falha quasi insensivel que escapa, no transcorrer dos dialogos, á generalidade do publico e familiar apenas á gente do officio. E' que a autora — a Sra. Vicentina Soares pertence á conceituada familia carioca — é uma estrêante nessa literatura ingrata. E' o seu primeiro trabalho, segundo suppomos. A despeito disso e dos nonadas que apontamos, a comedia* Casamento americano *é uma peça que pode figurar entre as melhores do repertorio onde se alinham tambem, assignadas por nomes conhecidos, muitas outras sem as qualidades da que nos deu hontem a companhia nacional. E' esse o melhor elogio que se pode fazer ao trabalho da Sra. Vicentina Soares, a que não faltam elegancia no dialogo, engenho na formação das scenas, bom desempenho das figuras e muita graça."*

Do Correio: *"Dupla curiosidade despertou o annuncio da peça de hontem; em primeiro logar o facto de se tratar de um trabalho theatral devido á penna de uma escriptora, caso raro nas nossas letras; e, em segundo, a circumstancia de se tratar de uma peça nova, com um titulo suggestivo. Póde-se desde logo dizer que a estréa da Sra. D. Vicentina Soares nas letras theatraes foi auspiciosa, pois em* Casamento americano, *a acção é conduzida com certa habilidade, o dialogo, despretencioso, é proprio do ambiente em que se desenrola a peça e os personagens são bem desenhados. A nova peça tem tambem outra qualidade: a de divertir e interessar ao publico."*

CASTELLOS NA AREIA

Já está á venda, em todas as livrarias, o novo livro de Olegario Marianno: Castellos na areia. *Dizer que* Castellos na areia *é o melhor livro de Olegario Marianno não é preciso, porque é o ultimo. A arte desse poeta magnifico cada vez mais se embelleza de sentimento e pensamento. A edição teve apenas tres mil exemplares. Apressem-se, pois...*

Comedias e Comediantes

LÁ POR FÓRA — *A semana passada teve uma nota telegraphica sensacional. Nada mais, nada menos que um desafio de duello entre o maestro Mascagni e o emprezario Walter Mocchi. O incidente não surprehende ninguem que conheça a susceptibilidade da raça italiana. O orgulho façanhudo da raça, manifestado a proposito de tudo e de nada, esses accessos de alegria e de colera que lhe dão uma physionomia perpetuamente mudavel, a excessiva sensibilidade e o indomavel amor-proprio, desde as mais remotas eras que esse temperamento exaltado justifica o alto culto em que sempre teve a vendetta.*

Os tempos andaram, e esse prazer dos deuses: a vendetta, vencido pelas leis creadas pela civilisação, relegou-se para os confins do paiz e póde dizer-se desapparecido. Surgiu, então, o duello... mas como entre o desafio e o momento de lavar a affronta medeiam 24 horas... a elegancia do gesto reduz-se a duas balas perdidas nos casos extremos, porque nos outros é adoptado o almoço reconciliador e reconfortante. Entre um tiro ou uma costelleta, o homem moderno não hesita: opina pela costelleta.

Dahi a tranquillidade com que foi lido o telegramma. Que importam os impulsos do sangue e a exaltação do temperamento, se a civilisação faz passar os rancores — tal como os amores novos fazem passar os velhos amores...

Tout passe...

■ *A Camara syndical dos editores de musica allemães informou os editores francezes de que, emquanto o governo francez não mudar de politica (?), a musica franceza será boycottada em toda a Allemanha.*

Sem commentarios.

CÁ POR CASA — *Para o Theatro Municipal, ao que corre, vem a companhia da Porte Saint-Martin, de Paris. Será mesmo a velha Mme. Moreno, a estrella da tournée official?*

■ *A companhia de revistas do Casino, de Paris, vae a Buenos Aires, mas é de crêr que não venha ao Rio por falta de theatros. Os da empreza José Loureiro estão-lhe vedados por causa do contracto com a troupe de Mme. Rasimi.*

■ *O Luiz Peixoto já concluiu... a primeira scena da revista que lhe foi encommendada pela empreza Segreto e que terá por titulo: "A' meia noite e trinta". Pela verve da scena escripta, a revista vae ser engraçadissima. O diabo é os dias só terem 24 horas... são pequenos para o Luiz.*

■ *O Fritz, querendo desbancar o Luiz, já escreveu duas scenas da revista que lhe encommendou a Ottilia Amorim. Antes do fim do anno fica prompta e leva o titulo: "Olha á direita!".*

ZE', FISCAL.

Lina Demoel, da Companhia Ruas

A' CASADO

Nunca pensei a valer,
— E quem sabe se fiz mal? —
De unidos um dia ver
O Brasil e Portugal.

Mas quando te vi na scena,
Enlevo de tanta gente,
Tão gentil e tão pequena,
Puz-me a pensar de repente

Nessa famosa união...
E com franqueza te digo,
Eu não diria que não,
Se a união fosse comtigo.

JACOBINO DA SILVA.

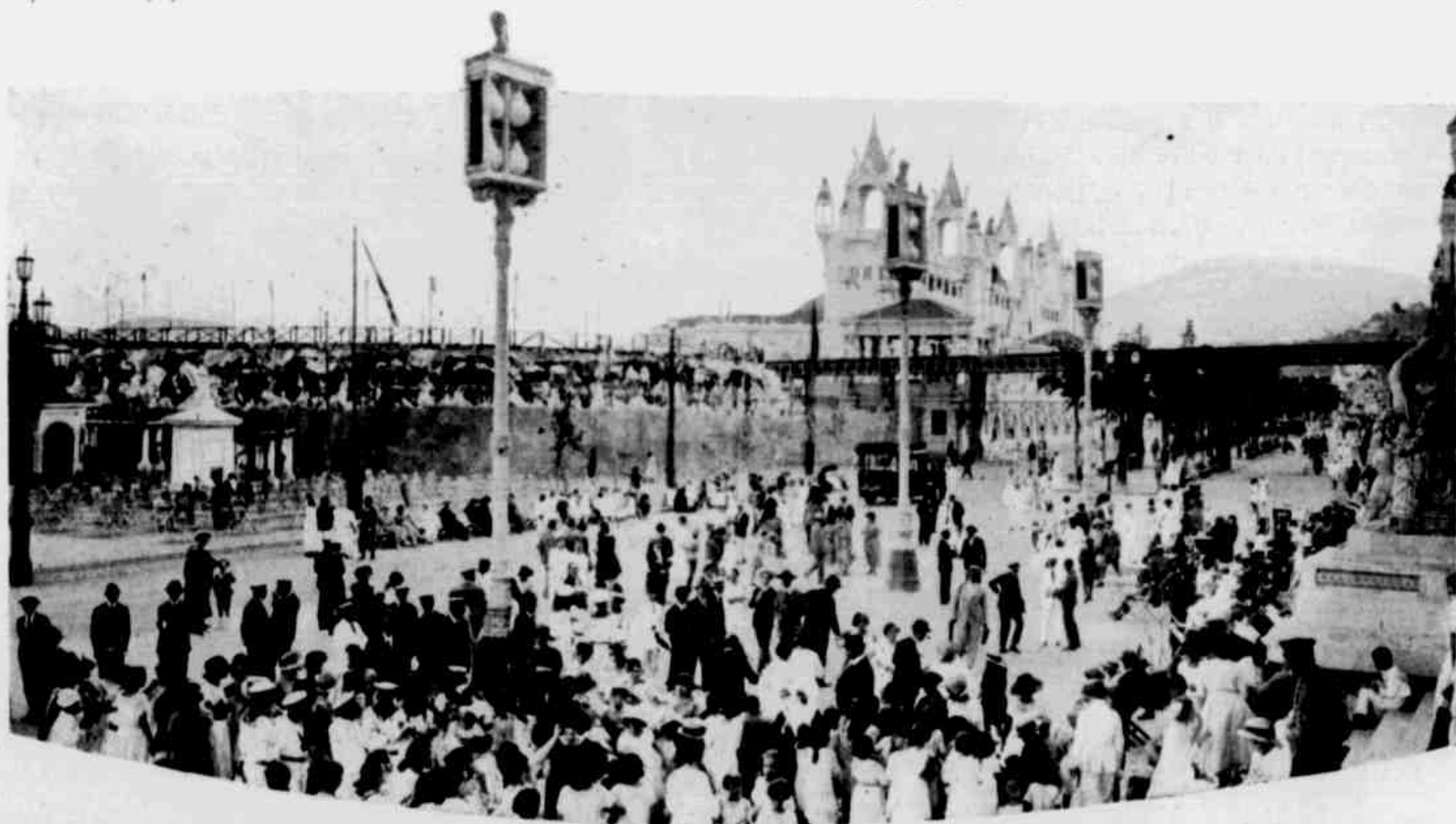
EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

Recepção e chá no Salão de Dansas

Hoje e sempre, grandes attracções. Illuminação deslumbrante. Musica, variedades, diversões infantis.

Os pavilhõs nacionaes e estrangeiros acham-se abertos desde ás 10 horas da manhã, podendo ser visitados até ás 18 horas, excepção feita dos pavilhões dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Tcheco-Slovaquia e da Argentina, que se conservarão abertos **tambem** *á noite, e o pavilhão japonez, até ás 20 horas.*

A entrada é gratuita para a visita ás secções industriaes da praça Mauá, onde o publico terá occasião de conhecer os mais modernos machinismos e os melhores productos fabris dos paizes representados no grande certamen.

No pavilhão americano da Avenida das Nações, funccionará, diariamente, das 10 da manhã, ás 9 da noite, um cinematographo interessantissimo e gratuito.

A Avenida das Nações no dia da festa infantil

PERFEITA EM TUDO

(PERFECT WOMAN—*Film do First National*—Producção de 1920

A vida de James Stanhope fôra desde o berço até os vinte annos como as bolhas irisadas de sabão que enchem, enchem, depois arrebentam e despparecem... As suas, eram de habito arrebentadas por mãos femininas. Um dia, fôra aquella loura, de faces rubicundas, que costumava beijal-o e fugir; depois, a outra de cabellos longos e narizinho arrebitado; depois... Oh ! depois, aos vinte e um annos, James era um misanthropo, um mysogino, diriamos melhor, porque o seu odio era apenas contra as mulheres. Foi por essa razão que, quando elle se fez socio do importante Estaleiro de navios, achou conveniente soccorrer-se dos serviços de uma competencia em materia de psychologia, capaz, portanto, de ler o caracter das creaturas do sexo feminino que pleiteassem admissão na companhia.

Uma outra pessoa que aos vinte e um annos tinha tambem suas razões para odiar, não as mulheres, mas os homens, era Mary Blake. Sua vida não havia sido, na verdade, uma serie de bolhas de sabão, mas desde cedo ella começára a aprender, recebendo as lições, primeiro de um vendedor de amendoas da esquina da rua; depois, quando mais taluda, do caixeiro da casa de balas; mais tarde, do outro que a levava ao cinema. E nesse curso ella sahira com a alma formada para carregar um grande resentimento contra a especie que veste calças, o que aliás, não queria dizer desprezo, indifferença total pelos homens. Ao contrario, Mary Blake sentia curiodade pelos seus adversarios, e não era senão talvez por isso, que naquella noite a arrastava até ali, onde James Stanhope fazia uma conferencia para os seus operarios, tendo escolhido como thema da palestra o "Americanismo e o anti-bolchevismo". E tanto era assim que ella pouca attenção dava ao que James dizia; a maneira delle dizer é que a impressionava, e a tal ponto que, quando o conferencista terminou, Mary affirmou para comsigo mesma: "Este é o meu typo de homem !"

No dia seguinte a rapariga havia resolvido procurar um emprego na Companhia. Sua camarada prevenira-a da pouca probabilidade de exito da sua tentativa; antes de chegar ao director, ella tinha de passar pelo *examinador de caracter*... e era difficil.

— Um homem é um homem, retrucou Mary. Elles são todos cortados do mesmo panno e não ha duas maneiras de cosel-os.

E ella foi, mas o diabo é que o tal medico do caracter era simplesmente uma mulher. Em todo caso, Mary viu-se introduzida no gabinete do director, levando um cartão da inspectora de caracter, em que sua cotação era pessima.

DISTRIBUIÇÃO

Mary Blake...	CONSTANCE TALMADGE
James Stanhope	CHARLES MEREDITH
A Sra. Stanhope	Elizabeth Garnier
J. J. Simmons	Joseph Burke
Grimes	Ned A. Sparkes

OPINIÕES DA CRITICA

Não é cousa do outro mundo, mas póde-se constatar a sua boa direcção, interpretação, situações alegres, etc.

Moving Picture World.

Agradará devido á estrella e argumento. Bem feito.

Motion Picture News.

Comedia que diverte e attrahe a attenção.

Exhibitor's Trade Review.

Agradará aos admiradores innumeraveis da estrella.

Exhibitor's Herald.

Ao vel-a, James Stanhope sentiu logo a necessidade de se pôr em guarda contra a tentação; fechou a cara e, sem olhar para ella, aconselhou-lhe a conveniencia de um curso sobre o caracter.

— A unica coisa que vale, minha cara e joven senhora, disse-lhe elle num tom repassado de uncção, é o *caracter*. O caracter é fundamental, e sem elle a mulher é... mas não vale a pena gastar o meu tempo nem o vosso. Caracter não é coisa para a mulher, e como exigir que possaes tel-o ? Em todo caso, concluiu elle meio hesitante, aconselho-vos a lerdes um pouco sobre o assumpto, e então, depois voltae.

A rapariga sahiu dali disposta a seguir as suggestões do joven director e, na realidade, aprendeu em uns livros volumosos que andou a folhear, que os indicios do caracter estavam no maxillar pronunciado na fronte bombeada, na escassez dos cabellos, nas roupas desleixadas, numa serie de coisas, emfim, que representavam, cada uma dellas, uma grave lesão para a sua belleza. Mary sentiu que ficava melhor sem *caracter*, entretanto... alguns dias depois, premida pelas necessidades da vida, apresentou-se no escriptorio para soffrer um novo exame e saber se já possuia caracter bastante que lhe permittisse ganhar o pão. Para isso alisara os magnificos cabellos para traz, entortara a cabeça para o lado, cobrira os seus lindos olhos com um par de oculos horriveis e entalara o pescoço num collarinho de homem.

Quando James a avistou, só Deus sabe o que lhe passou n'alma. Lembrou-se da encantadora creatura que poucos dias antes o fizera duvidar da da sua propria fortaleza. Mas não era aquella transformação obra sua ? Sim, o caracter era *fundamental*, mas afinal... James cortou o fio traiçoeiro dos seus pensamentos e disse á moça que os seus serviços eram necessarios; ella iria desempenhar as funcções de secretaria de sua mãe.

Effectivamente, no dia immediato, a "Senhorita Mills" investiu-se no seu novo cargo no solar de Stanhope, e vinte e quatro horas depois convencia-se de que aquella era a occupação que lhe convinha, mesmo que não houvesse

Constance Talmadge — "The Perf

...e saber se já possuia caracter...

um James mettido no negocio; mas como havia o James, o trabalho lhe agradava duplamente.

Na companhia da velha senhora, espirito amavel e bondoso, e em contacto frequente com Stanhope, Mary sentia-se perfeitamente satisfeita e nem mesmo se apercebia do seu desgracioso *travesti* de "Miss Mills". Todavia, se algum olhar indiscreto procurasse devassar os segredos da sua alcova, teria visto que muitas noites, quando ella se recolhia, os crépes da China e as finas rendas sahiam do armario e operavam o milagre da transformação, da qual surgia a verdadeira Mary em todo o esplendor das suas graças. Ella achava que não devia esquecer aquellas coisas. Havia de chegar o dia em que James tambem teria necessidade dellas — oh! disso ella estava certa.

Ora, aconteceu que foi justamente numa dessas noites que o palacete Stanhope viu-se de repente invadido pelos anarchistas que faziam parte do operariado do Estaleiro e que não haviam esquecido o discurso de James contra os bolchevistas.

Ouvindo o alarma dado pelo criado, Mary precipitou-se para o corredor, exactamente a tempo de se encontrar cara a cara com James e sua mãe.

Como era natural, estes ficaram perplexos á vista daquella extranha e formosa apparição. E como era igualmente natural, vendo-a assim vestida, áquella hora, suppuzeram tratar-se de uma cumplice dos anarchistas que ali vivera disfarçada e que collocara a bomba de dynamite descoberta pelo criado.

James encetou immediatamente uma investigação em torno da supposta "Senhorita Mills" e não tardou a apurar que Mary Blake e não Senhorita Mills era filha de paes pobres mas honestos e legitimos americanos, sem qualquer ligação com os elementos blochevistas estrangeiros. Quanto a Mary, era inegavel que ella tinha o curso completo para as funcções de secretaria, mas não obstante, James avisou-a de que ia dispensar os seus serviços. Não foi mesmo sem certo orgulho que elle tomou essa attitude, que era uma prova de que nelle a cabeça ainda continuava a governar o coração.

Vestia-se com um apuro, com uma distincção...

De nada valeram as razões da mãe, que chegou a ponto de confessar ser Mary Blake mais do seu agrado do que a "Miss Mills", muito correcta, muito limpinha, na verdade, mas um tanto monotona e desenchavida.

Mary resignou-se, apparentemente, e dispoz-se a aproveitar a semana de prazo que lhe restava de permanencia na casa. Vestia-se com um apuro e elegancia que nunca se viu... em uma secretaria particular, e punha em acção todo o poder da sua formosura e graça.

James, porém, resistia; e nos momentos em que temia fraquear sob a má tentação, appellava para Schopenhauer, procurando tambem arrastar a sua adversaria para a influencia das theorias do pensador allemão.

Mary não se dava ao trabalho de empregar outros argumentos senão os do sorriso encantador com que ella lhe affirmava que esse mundo seria uma coisa estupida e intoleravel sem as mulheres com os seus *chiffons*, os seus labios carminados, os seus pés de arroz e todas as suas esplendidas futilidades...

Emquanto isso os anarchistas não descansavam nos seus designios tenebrosos para dar cabo de Jim.

Na mesma noite em que ella se escapara do joven puritano, deixando-o a meditar seriamente na influencia que aquella tentadora creatura ia exercendo em sua vida, ao voltar em procura de sua pulseira, Mary teve uma grande surpresa: amarrado a uma cadeira, sob a qual estava collocada uma bomba, James era guardado á vista por um anarchista dos que haviam penetrado na casa e conseguido surprehender o rapaz.

Mary não desgostava do emprevisto e extranho espectaculo, que em vez de perturbal-a, aguçou-lhe as faculdades de espirito. Num atimo ella avaliou toda a situação e deliberou agir. Mas como? Os fios do telephone estavam cortados. Só havia um recurso e ella o empregou. Encaminhando-se para o velho anarchista que montava guarda

(Termina no fim da revista)

...amarrado a uma cadeira, sob a qual estava uma bomba...

RESOLUÇÃO

(DETERMINATION)

Film Lee-Bradford — Producção de 1922

DISTRIBUIÇÃO

Putnam	MAURICE COSTELLO
Frances Lloyd...	GENE BURNELL
John Morton Jr.) James Melvale..)	Alpheus Lincoln
Lucky	Irene Tams
Lord Warburton.	Walter Ringham
Whitechapel Mary	Nina Herbert
Depefiend	Charles Ascott
Lord Dalton.....	Barney Randall
Lady Dalton.....	Mabel Allen
Madge Daley	Corinne Uzzell

Na outra extremidade de Londres vivem Lord e Lady Dalton...

Extranha coisa é o destino humano! Nós somos um composto de heranças ancestraes e da lucta que se trava nas profundezas do ser, atravez da vida, e em que somos sustentados pela força e batidos pela fraqueza que se contrapõem na essencia intima de cada um de nós. De todas as nossas qualidades a *Resolução* — essa herança de fé e energia, de animo e vontade — é talvez a mais forte.

John Morton Jr., orphão de pae e mãe desde a mais tenra idade, tomou logo a deliberação de gastar a sua vida entre os pobres e os desgraçados do bairro Whitechapel, de Londres. E na sua pequena "missão", situada em pleno coração desse bairro malsão, elle leva o conforto e o consolo aos desherdados e infelizes, tanto homens como mulheres. Todos quantos sentem uma afflicção vão a elle, certos de que encontrarão o balsamo e o arrimo, sejam quaes forem os seus erros.

Na outra extremidade de Londres residem Lord e Lady Dalton, ricos e donos de tudo quanto a sociedade proporciona aos seus filhos dilectos. Entre os convivas de uma das suas recepções semanaes encontra-se Frances Lloyd, uma rica herdeira americana, que, por causa da sua fortuna e belleza, gosa de effusiva sympathia de todos os outros convivas, mas principalmente de Lord Arthur Warburton. Warburton ama a linda rapariga americana, que, entretanto, foi posta de sobreaviso contra as influencias dos titulos nobiliarchicos.

Frances tem occasião de ser apresentada durante aquella reunião a Lady Monckton, que dá o seu nome e parte do seu dinheiro a um estabelecimento destinado a abrigar as raparigas do bairro de Whitechapel.

Frances acceita o convite para uma visita ao bairro, para assistir e auxiliar a uma das distribuições na obra piedosa de Lady Monckton.

Não tendo idéa do que eram aquelles sitios, Frances afasta-se da sua guia e é abordada por uma megera das tavernas suspeitas que pollulam na zona, mulher conhecida pela alcunha de "Whitechapel", que lhe supplica soccorro para uma pessoa necessitada.

Inconsciente do perigo, Frances segue a velha e entra num antro, onde é feita prisioneira por tres individuos, que a haviam visto na rua e cubiçaram suas ricas joias.

Dois garotos da rua percebendo o que se passava, correram immediatamente a prevenir John Morton, que voou para o local e, reprimindo severamente os taes typos, arrebatou-lhes a moça, escoltando-a até á casa de Lady Dalton.

Ali Morton é apresentado a Lady Dalton e a Lord Warburton, que mostram evidente pouco caso pela boa acção por elle praticada.

Vendo suas attenções repellidas por Frances, Lord Warburton parte para Paris, afim de tentar esquecel-a, e, uma noite, no Club Internacional de Sport, conhecido como a mais distincta casa de jogo do continente, sente-se perplexo na presença de um homem que elle julga ser John Morton Jr., o piedoso obreiro do bairro de Whitechapel.

Approximando-se do recem-chegado, Lord Warburton dirige-se a elle como a John Morton, mas é informado do seu equivoco: o cavalheiro que elle aborda é James Melvale, que está absolutamente seguro de nunca ter visto antes Sua Mercê; Lord Warburton, apezar disso, continúa convencido de que não se engana, e despacha seu criado para Londres com instrucções

...no momento da chegada delle e de suas amigas á capital franceza...

para lhe telegraphar se John Morton Jr. ali se encontra. E a resposta não tarda, informando que Morton não esta em Londres.

Frances a esse tempo tem-se interessado profundamente pela obra de Morton e passa grande parte do seu tempo na "missão". Inconscientemente a moça está creando uma inimiga na pessoa de Lucky, uma joven que fôra acceita na "missão", e que pouco a pouco se sentira vivamente apaixonada por Morton. Lucky acredita que sua *chance* periga com a presença de Frances naquelle ambiente, procura um emprezario de *cabaret* do bairro, que lhe dá uma carta de recommendação para o proprietario da "Ostra Alegre", um estabelecimento do mesmo genero em Paris. Lucky chega á capital franceza e é contractada como dansarina do *cabaret*.

Firmemente convencido de que Morton leva vida duplice, Warburton decide arruinal-o financeiramente, na crença de que, com isso, terá o caminho aberto para conquistar a mão da rica herdeira americana.

Frances difficilmente acredita no que os seus olhos vêem...

Com esse proposito, Warburton fazlhe uma noite a proposta de jogarem uma parada que causará o assombro da confraria do panno verde mundial, e Melvale, conhecido como homem que nunca recusa uma parada, acceita immediatamente a proposta em condições desvantajosas para elle. O accordo entre os dos homens é firmado e estipula duas hypotheses: um *match* de *box* e uma corrida de cavallos; os disputadores devem ser indicados pelos respectivos apostadores e os representantes de Melvale devem sahir vencedores em ambas as provas.

Warburton, que, na realidade, é o chefe de uma quadrilha de *scrocs* internacionaes, arranja de maneira que a victoria não lhe possa escapar. A primeira prova — o *match* de *box* — é organisada com todo o esplendor em um dos mais elegantes clubs de Paris. Warburton consegue subornar um dos *assistentes* do boxeador de Melvale, e faz este individuo collocar uma tacha envenenada no sapato do referido jogador. O veneno produz o seu effeito justamente no inicio do primeiro *round*.

Confiante de ter ganho esta primeira parte da aposta, Warburton fica muito desapontado quando seu adversario annuncia que, dentro de alguns instantes, será um novo jogador para substituir o seu, que não se sente bem.

Com enorme surpresa de toda a assistencia, o novo jogador entra no *ring*, e não é outro senão o proprio Melvale.

Inicia-se o jogo e, depois de tres rapidos e violentos *rounds*, Melvale vence o seu contendor por *knock-out*.

Alguns dias depois, realizar-se-ia a corrida, e Warburton novamente emprega um dos do seu bando — a filha da velha Whitechapel Mary — para seduzir o jockey de Melvale a perder a prova.

Não se sentindo capaz de entrar na pista, como o fizera no *ring*, Melvale perde a corrida e tambem a aposta. Comprehendendo que precisa realisar um grande golpe para recuperar a sua avultada perda, Melvale empenha tudo quanto lhe resta da sua fortuna em uma "parada" na roleta. Mais uma vez, a sorte lhe é adversa.

Sahindo acabrunhadissimo da casa de jogo, dirige-se á "Ostra Alegre", que é um antro de apaches num mao bairro de Paris, e onde se vê de novo tomado por Morgan, o benemerito obreiro social. Desta vez, é Lucky quem acredita que o homem que tanto bem fez em Londres está vivendo, em Paris, a vida que mostrava condemnar.

Acreditando sempre na segurança da sua suspeita, a respeito de Melvale, Warburton regressa a Londres e informa Frances e Lady Dalton de ter visto Morton em Paris e da vida que vive ali o "santo" homem.

Lady Dalton, então, suggere uma viagem della, da moça e do Lord, a Paris, afim de se certificarem da duplicidade do apostolo.

A cégą confiança de Frances em Morton vae começando a fraquejar, porque, visitando recentemente a "missão" de Whitechapel, soube que o Sr. Morton estava ausente da cidade. Ora,

...uma carta de recommendação para o proprietario da "Ostra Alegre".

(*Termina no fim da revista*)

JACKIE COOGAN FIRMA CONTRACTO COM A METRO

Na photographia acima estão da esquerda para a direita: Neil McCarthy, attorney; Jackie Coogan; a Sra. Coogan; Joseph Schenck, marido de Norma Talmadge; Jack Coogan, pae do "garoto" (sentado); Joseph W. Engel e Edward Loeb.

Não faz muito tempo publicámos a noticia de haver a Metro conseguido vencer as fabricas concorrentes, assegurando-se por contracto a longo prazo os serviços profissionaes de Jackie Coogan, o genial garoto que Carlito lançou em *The Kid* (O garoto) e depois firmou a sua reputação artistica com uma serie magnifica de magnificos trabalhos que o exaltaram á primeira plana das grandes figuras do cinema.

Não são conhecidos os termos desse contracto. Sabendo-se entretanto que Jackie recusou uma offerta da United Artists, que lhe dava 500 mil dollars de luvas (4.500 contos mais ou menos) e mais 60 por cento sobre os quatro primeiros films por elle feitos, poder-se-á fazer uma idéa do vulto dessa operação.

Por esse contracto, toda a producção Jackie Coogan passará a ser distribuida pela Metro, que se assegura dessa fórma mais um precioso elemento de popularidade.

As grandes marcas norte-americanas estão cada qual mais se esforçando para melhorar sua producção, angariando elementos novos e de valor que lhe augmentem as condições de resistencia na lucta pela concorrencia.

A Metro, que já conta tantos artistas de renome, tantos directores de scena famosos, cujos films são dos que obtêm maior cotação e produzem maior renda aos exhibidores que os exploram, não descansa nessa busca de elementos novos e cada dia que passa nos apresenta uma novidade.

Essa, do contracto com Jackie Coogan, deve alegrar summamente os nossos leitores, por isso que de Abril em diante a producção moderna da Metro começará a ser exhibida no Brasil e dentro de alguns mezes, sem duvida, virão os novos films de Jackie enriquecer a selecta programmação da afamada marca.

Os films de Jackie Coogan são daquelles que attrahem concorrencia a todos os cinemas. Creança genial, a cada papel que elle interpreta empresta um caracter de tamanha naturalidade, tanta verdade, que não ha entre os espectadores quem não se renda aos encantos do seu talento tão versatil.

A Metro conquistou, com o contracto agora feito, mais um grande e valioso elemento de triumpho para juntar aos muitos que já possue.

CECIL B. DE MILLE foi victima de um accidente, tendo explodido o motor de sua lanchinha á gazolina. Ficou com os braços e rosto queimados. O bote-automovel custara 11 mil dollars.

☆ ☆ ☆

EDDIE FOY, comediante, casou-se agora pela quarta vez; a victima foi Marie Coombs, que tem sangue indiano nas veias e é herdeira de uma grande fortuna.

☆ ☆ ☆

SVEND GADE, famoso director de scena dinamarquez, que dirigiu varios films da Nordisk e actualmente se acha na California, parece que será o director de *Fausto*, de Mary Pickford.

☆ ☆ ☆

CONRAD NAGEL, que durante tres annos esteve com a Paramount, passou-se para a Goldwyn agora, e firmou contracto por tres annos com essa empreza.

Chegada a Honolulu da linda artista Betty Compson, que ali foi posar "The White flower", da Paramount.

Rex Ingram dirigindo scenas do film da Metro, "Trifling Women".

MARY CARR deixou a Fox e passou a trabalhar para a J. Searley Dawley Co.

☆ ☆ ☆

FRANK BORZAGE vae dirigir uma serie de producções para o First National. Borzage é o director celebre de *Humoresque*.

☆ ☆ ☆

ADOLPH MENJON é o *leading-man* de Edna Purviance no film escripto e dirigido por Carlito, em que a famosa companheira do genial comico apparece como estrella.

☆ ☆ ☆

ADOLPH ZUKOR, presidente da Famous Players, partiu para a Europa a 6 de Fevereiro, para tratar de interesses dessa empreza nos differentes paizes do velho continente.

GEORGE F. HERNANDEZ, actor caracteristico, conhecidissimo no Rio, morreu em Glendale, California, com 59 annos. Trabalhou no theatro e no cinema durante 40 annos. Era casado com Anna Dodge, artista tambem.

CARONA-FILM

THEODORE ROBERTS

SORRISO PERENNE

(SMILING THROUGH) — *Film do First National* — Producção de 1922

DISTRIBUIÇÃO

Kathleen ....) Moonyeen ....)	NORMA TALMADGE
John Carteret........	WYNDHAM STANDING
Kenneth Wayne.....) Jeremias Wayne.....)	HARRISON FORD
Dr. Owen...........	Alec B. Francis
Willie Amsby.......	Glen Hunter
Helena	Grace Griswold
A pequena Mary.....	Miriam Battista
O sacerdote..........	Eugene Lockhart

OPINIÕES DA CRITICA

Norma com esse film facilita aos exhibidores enchentes á cunha, pois que raramente apparecerão outros que contenham tantas bellezas. — *Moving Picture World.*

Direcção criteriosa, trajes bellissimos, photographia esplendida, Norma melhor do que nunca, tornam este um dos melhores films da estação. — *Exhibitor's Herald.*

E' o melhor trabalho de Norma até aqui feito para o First National. Um dos melhores films que temos visto. Proprio para esgotar lotações das casas de espectaculo. — *Film Daily.*

Ninguem póde duvidar de que seja este o melhor, o mais commovente trabalho de Miss Talmadge para o cinema.—*Exhibitor's Trade Review.*

Deve agradar a toda gente. Não foi baldado o dinheiro empregado neste film. — *Motion Picture News.*

Nascemos alguns de nós para ser felizes e contentes. Alguns, encontramos na vida a promessa quotidiana de sonhos que terão realidade, o testemunho a toda a hora, do fundamento da fé e da esperança. Alguns de nós só conhecemos a doçura, a alegria, a realisação. Outros ha porém, muitos, que levam existencias solitarias e monotonas, onde as amarguras mal se disfarçam, existencias que jámais alinda um toque de romance, sempre sem embargo desejado.

Já estavam reunidos todos os convidados...

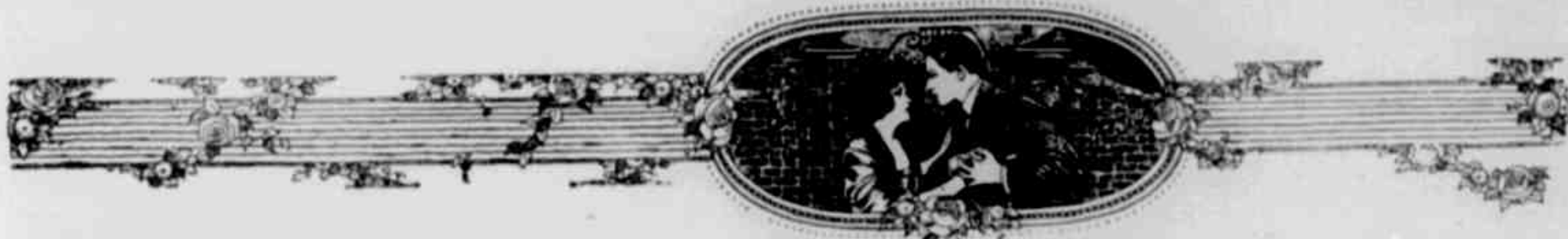
John Carteret era um pobre velho solitario. Para elle, a doçura da vida, transformara-se em desapontamento, em vão pensar. O seu romance estava fechado numa velha malla, guardada na agua-furtada do seu *chalet* inglez. Os seus sonhos tinham-se feito em pó, eram apenas como um vago clarão de lua. Um pacote de velhas cartas, um pequeno livro de canções, manchado dos annos, e uma boneca vestida á moda bizarra das noivas de outro tempo, — eis tudo quanto restava da historia de amor de John Carteret.

John Carteret nem sempre fôra velho, entretanto. Ha cincoenta annos, joven, com toda a vida diante de si, Carteret olhava o futuro com olhos risonhos e os labios a entoar canções. Uma dessas canções, amara-a elle, e amara-a tambem Moonyeen, a sua namoradinha irlandeza. Era uma canção singela uma canção que falava de uma verde cancellinha:

> "...*junto á qual ancioso espero*
> *aquella que me deu*
> *o seu amor sincero.*"

E' que John Carteret ia-se casar. A casa fôra engalanada adequadamente para a boda, já estavam reunidos os convidados, e a noiva acabava de chegar. Justamente, ao chegar, mandara-lhe Moonyeen um risonho presente, — uma pequenina *marionette*, uma boneca, cujo vestido era a copia exacta da sua *toilette* de noiva. Foi justamente então, quando a vida lhe andava tão cheia de promessas, que occorreu uma grande tragedia e John Carteret se viu só, em frente aos annos por vir.

Fôra o cortejador ciumento — o namorado rejeitado — que déra causa á tragedia. Era elle um certo Jeremias Wayne, um rapaz que amara Moonyeen com um desespero que tocava as raias da loucura. A frieza della, o seu amor por John Carteret tinham-n'o impellido a beber, e foi num estado de violenta embriaguez que elle appareceu á hora do casamento. A despeito de todos os esforços para o arredar, a despeito de todas as tentivas para o acalmar, insistia em falar a Moonyeen antes da ceremonia e declarara-lhe que não podia renunciar a ella. A menina pedira-lhe entretanto que, se realmente a amava, a deixasse casar tranquillamente com o homem que escolhera por marido. E Wayne, depois disto, retirou-se.

Mas retirou-se para voltar, quando Moonyeen, radiante no seu traje nupcial,

se encaminhava para o florido altar do jardim, onde a esperava John. Caminhando para ella aos cambaleios, os olhos desvairados, a bocca contorcida,

Moonyeen estava recostada nos seus braços...

disse a rir, com um toque dolorido na sua voz quebrada:

— Aqui não ha logar para o namorado repellido, — hein ?

O rosto de Moonyeen fez-se pallido, ao ver o homem adiantar-se na sua direcção. Pronunciou-lhe o nome, entretanto, ainda com doçura, e foi John que avançou colerico e falou com violencia:

— Que audacia é esta sua — perguntou — de vir aqui incommodar-nos, a todos ?

A voz de John foi para Jeremias Wayne como um bote impetuosamente vibrado á sua cabeça. Toda a sua furia, esforçadamente refreiada, explodiu então de repente:

— Saiam do jardim, saiam todos ! — gritou para a multidão reunida em volta. Tenho que falar, a sós, com este homem !

Mas os convidados não se moveram. Com um grito de susto, Moonyeen correu para o seu amado. John, cingindo-a com um braço, forcejava por dominar a sua irritação.

— Saia daqui ! disse, impetuoso. Mais tarde, teremos tempo de entender-nos !

Mas parecia que cada palavra de John, mais atiçava a colera do outro, que se adiantou para o altar e, tremula a voz, respondeu:

— Não ! E' agora mesmo que nos vamos entender !

John não se poude conter. Desvairado, avançou para o outro, mas apenas dado o primeiro passo, Wayne arrancou de uma pistola de duello, e bradou furioso:

— Não pude impedir que tu fosses o preferido, mas por Deus que saberei impedir que tu a desposes !

Foi então que Moonyeen fez o supremo sacrificio. De braços estendidos, atirou-se na frente do seu amado, e quando a pistola de Wayne fez fogo foi ella que cambaleou para traz, só não tombando ao chão, porque John a amparou nos seus braços.

Wayne deixou cahir a pistola quando viu o que havia feito, e serenada a sua loucura, poz-se a gritar hystericamente:

— Deus do Céo ! Não era, não era isto que eu queria fazer !

Um soluço acudiu-lhe á garganta, e, como que cégo, disparou pelo jardim afóra.

Fez-se o que se poude, é bem de ver, mas pouco se podia fazer. O Dr. Owen Harding, que era o mais intimo amigo de John Carteret, previu a imminencia do desenlace, mal se debruçou sobre Moonyeen, a examinal-a. John reluctava porém em acceitar a sentença, e em lagrimas repetia:

— Deus bom, Deus Santo ! Não póde ser, não o consentireis !

Moonyeen estava recostada nos seus braços e alçara os olhos para elle, sorrindo levemente.

— Um amor como o nosso não póde morrer nunca ! — disse, com voz tenue. Que tristeza para toda essa boa gente ! — accrescentou depois.

No primeiro momento, John não comprehendeu. Depois, pasmo ante a coragem da rapariga, fez signal ao sa-

E o senhor que tem coração para amar assim...

cerdote, e ali mesmo, ajoelhado no chão, com a cabeça apoiada ao hombro, realisou-se o casamento. Foi só quando elle lhe collocou o annel no dedo, que o corpo de Moonyeen como que se lhe desarticulou nos braços, e os seus olhos começaram a cerrar-se.

Numa agonia dolorosissima, John debruçou-se para ella, e foi com a sua propria alma, que lhe implorou, chorando:

— Supplico-te, Moonyeen, não te separes de mim!

Foi a infinita magua da sua voz que fez com que a linda noiva, uma vez ainda, levantasse os olhos para elle. E quando ella afinal lhe falou, a sua voz mais parecia um timido alento:

— John adorado... — murmurou — não te desgostes... Eu acharei meio... meio de voltar...

E após uma longa pausa:

— E voltarei a esperar-te... junto á cancellinha verde!...

Azedado pelo seu odio a Jeremias Wayne que nunca fôra possivel capturar nem punir,. Carteret por longos annos viveu só, no seu chaletzinho inglez.

Só Helena a sua creada, e o Dr. Owen Harding, seu visinho e inteiro amigo, lhe conheciam o lado meigo do coração.

Mais tarde, após esse longo periodo de solidão, veiu-lhe da Irlanda uma carta da irmã de Moonyeen. Era a suprema supplica de uma pobre moribunda que lhe pedia recebesse em sua casa a unica filha que ella tinha, sobrinha de John pelo seu casamento. "A pobresinha fica inteiramente só — dizia a carta — e eu sei que tu lhe has de querer bem porque ella é o retrato vivo de Moonyeen, a mulher que tu adoraste! Só o que te peço, é que jámais lhe contes a triste historia do passado, e que te esqueças desse odio a Wayne, que tanto tem envenenado a tua nobre vida".

William Wallace Reid Junior, filho do mallogrado Wally Reid.

E assim appareceu Kathleen, a alegrar o coração de John Carteret. Era com um raio de sol, uma rosa em botão aos primeiros clarões de Junho. E John e o Dr. Owen, o seu amigo, vendo-a crescer em meiguice e em belleza todos os dias, como que reviviam a sua propria mocidade. Todos lhe queriam bem, e um mancebo em particular, Willie Amsby, não perdia ensejo algum de a cortejar.

Em todos esses annos decorridos, só uma vez John Carteret teve noticias de Jeremias Wayne. Foi quando recebeu da America uma carta, escripta por uma mulher que se assignava Sarah Wayne. Annunciava que Jeremias morrera, deixando um unico filho por nome Kenneth, ao qual jámais fôra dado conhecimento da horrivel tragedia de que fôra protagonista seu pae.

Terminava, supplicando a John Carteret que perdoasse.

Comquanto porém João guardasse essa carta, como guardara a da irmã de Moonyeen, não conseguira varrer do coração o odio antigo e só o nome de Wayne bastava para lh'o avivar, de cada vez.

E Moonyeen?...

As suas ultimas palavras a John foram a promessa de voltar algum dia. E, facto singular, cumprira de facto a sua promessa. Casualmente, uma noite, John levara para o jardim a graciosa marionette, a boneca que Moonyeen, por suas mãos, vestira de noiva, e por alguma arte do luar, a sua sombra alongara-se, projectara-se atravez a cancellinha do jardim, com uma pasmosa semelhança de vida. Dir-se-ia que o que ali estava defronte de John era a silhueta de uma mulher viva, a silhueta da sua adorada Moonyeen! E era como tornar a tel-a! Brandamente pronunciou-lhe o nome, e até lhe pareceu que ella havia respondido...

(*Termina no fim da revista*)

AS FUTURAS ESTRÉAS

(ATRAVÉS DA CRITICA NORTE-AMERICANA)

ROBIN HOOD, da United Artists.— O film é todo elle Douglas Fairbanks, desde a primeira á ultima scena. Elle salta, pula, sóbe e desce paredes de gigantescos castellos e está em toda a parte. Nos raros pedaços em que elle não apparece, fica-se simplesmente a esperar a sua volta. São lindas as construcções, a photographia é fóra do commum e a direcção magistral. Nada distrae a attenção em *Robin Hood*. Os coadjuvadores de Douglas são excellentes. Wallace Beery faz o *Ricardo Coração de Leão* com distincção, Sam de Grasse é esplendido como *Principe*, e Enid Bennett, no papel de *Marian*, pouco tem que fazer, porém, sabe sentar muito bem e ser raptada com perfeição.

TESS OF THE STORM COUNTRY, da United Artists. — Mrs. Douglas, ou melhor Mary Pickford, tambem teve o seu film este mez. Desejava tecer os mesmos elogios, mas sou obrigado a falar a verdade. Emquanto Douglas progride, Mary volta aos velhos dias do cinema.

THE YOUNG RAJAH, da Paramount. — Temo que este film vá desapontar o mais ardente dos admiradores de Rodolph Valentino. Comtudo, ha de haver quem ache a historia interessante.

SHIRLEY OF THE CIRCUS, da Fox. — Assumpto batido. As scenas de circo são emocionantes e Shirley Mason tem um bom trabalho.

THE LIGHT IN THE DARK, da Hope Hampton Prod. — Serviu para reformar ladrões como Lon Chaney e, ainda mais, para salientar a belleza de Hope Hampton, que faz a heroina.

TO HAVE AND TO HOLD, da Paramount. — Lindo, bem dirigido por George Fitzmaurice e representado por um excellente grupo de artistas. Betty Compson fez o mais bello film da sua carreira, Bert Lyttel passa o tempo lutando com piratas e Theodore Kosloff é o melhor de todos, no papel de villão. A photographia é soberba; o bastante para nos transportar para o mundo em que viveu Mary Johnston quando escreveu a historia.

BROTHERS UNDER THE SKIN, da Goldwyn. — Helene Chadwick nunca esteve tão encantadora num papel de esposa.

THE MAN WHO SAW TO MORROW, da Paramount. — Eu aprendi que se não podia prever cousa alguma neste mundo, mas o cinema provou o contrario. O film tem uma distribuição promettedora: Thomas Meighan, Leatrice Joy, Theodore Roberts, June Elvidge, etc. Lindos scenarios, a photographia é boa, mas o argumento é o mais absurdo, illogico e incoherente que jámais se filmou. E' uma lastima chamar tão bons artistas para trabalhar nesta borracheira.

SINGED WINGS, da Paramount.— Film muito artificial e argumento sem valor. Tive fé na fita quando vi que entravam Conrad Nagel, Bebé Daniels, Ernest Torrance e outros, mas chega a ser um crime pol-os em tal historia. No Rivoli, a platéa deu gargalhadas e com este film termina a carreira de Penrhyn Stanlaws como director da Paramount.

YOU NEVER KNOW, da Vitagraph. — Outra historia que se passa naquellas republicas hespanholas da America do Sul... Earl Williams é o herόe. Film mediocre.

A DAUGHTER OF LUXURY, da Paramount. — Outra vez uma linda e intelligente artista numa historia que chega a ser um insulto ao seu talento. E' triste ver-se Agnes Ayres, que é tão convincente quando representa, num papel tão commum.

OMAR, THE TENTMAKER, da First National. Historia da Persia, com todos os seus amores e odios, filmada com muita realidade. Virginia Brown Faire faz a *Shreen* e Patsy Ruth Miller a sua filha, e a semelhança dellas deu muita realidade ao parentesco.

TOLL OF THE SEA, da Metro. — E' a historia da *Madame Butterfly*, desenvolvida. Convenci-me de que já se póde fazer films coloridos. Anna May Wong é a protagonista (que nesta historia é chineza) e Kenneth Harlan é o homem que despedaça o seu coração.

THIRTY DAYS, da Paramount. — Ultimo film de Wallace Reid. A historia é commum, mas possue pedaços divertidos. Wallace mostra-se mais animado do que nos outros ultimos films com excepção de *Clarence*.

PEG O' MY HEART, da Metro. — O trabalho de Laurette Taylor é adoravel. Os seus coadjuvadores são máos, com excepção de Russel Simpson.

CONCURSO CINEMATOGRAPHICO do „PARA TODOS"

GRANDE CONCURSO DE 1922

Como nos annos anteriores, resolvemos abrir um concurso cinematographico, indagando de nossos leitores suas preferencias sobre os artistas, films e marcas, no decurso do anno de 1922. Para esse fim publicamos abaixo um *coupon*, que destacado e preenchidos os claros, nos deve ser devolvido até o dia 31 do corrente.

1ª—QUAL A ARTISTA QUE MAIS LHE ENCHEU AS MEDIDAS EM 1922?
2ª—QUAL O ACTOR QUE MAIS LHE AGRADOU EM 1922?
3ª—QUAL O MELHOR FILM DE 1922?
4ª—QUAL A MARCA QUE MELHORES FILMS APRESENTOU?

Iremos publicando a votação a proporção que recebermos os votos.

Concurso do PARA TODOS

— 1922 —

1ª—*Qual a artista que mais lhe encheu as medidas em 1922?*

. . . .

2ª—*Qual o actor que mais lhe agradou em 1922?*

. . . .

3ª—*Qual o melhor film de 1922?*

. . . .

4ª—*Qual a marca que melhores films apresentou em 1922?*

. . . .

Data . . . . (*Assignatura*)

. . . .

Cidade . . . . *Estado* . . . .

Passeio matinal

A hygiene aconselha a levantar-se cedo, tomar um banho, empregando abundantemente o sabonete de Reuter, e com o corpo agil, sob a impressão da sua suave e odorifera espuma, sahir por essa avenida Beira-mar e outras ruas banhadas pelo alegre sol matinal e ventiladas com a pura brisa das primeiras horas do dia.

O exercicio ao ar livre provoca na pelle uma reacção saudavel, e absorvendo esta a loção balsamica que sobre ella deixou o delicioso sabonete de Reuter, rapidamente adquire uma magica impressão de flexibilidade e suavidade, umas côres rosadas de sanidade e frescura juvenil, que debalde querem buscar nas pinturas, corrosivos com que "a arte", como audaciosamente lhe chamam, quer fingir uma frescura que, pelo contrario, fere e destróe.

O sabonete de Reuter, pois, usado com profusão sobre o corpo nas abluções matinaes, e a seguir o exercicio moderado no puro ambiente exterior, são os unicos medicamentos simples, agradaveis, naturaes, para manter a juventude durante muitos annos de vida.

SORRISO PERENNE

(Fim)

Foi no verão de 1914 que, de repente a Inglaterra se viu precipitada na guerra, e foi nesse mesmo verão que Kenneth Wayne veiu á pacifica aldeia da Inglaterra donde seu pae tinha fugido. Veio alegre e risonho, ignorante da sombra que se projectava sobre o seu nome, e Kathleen a quem jamais fôra revelada a historia da morte tragica de sua tia, vejo a conhecel-o. E porque a mocidade attrahe a mocidade, Kathleen gostou delle immediatamente.

Encontraram-se de um modo perfeitamente casual quando o cavallo de Kathleen se recusava a atravessar um arroio, e Kenneth foi em seu soccorro. Mas se ao destino se podia emputar o primeiro encontro dos dois, o segundo, esse, preparou-o a propria Kathleen. Foi ella que convidou Kenneth para um bazar na municipalidade, a que ella ia assistir. E foi alli que Kenneth interrompeu um dos habituaes *flirts* de Willie Amsby, ali que os dois lançaram os alicerces de uma amizade que devia vir a ser alguma coisa mais.

Foi um desastre John Carteret vir a saber que estava na terra o filho do seu velho inimigo, mas desastroso foi ainda que elle apparecesse na municipalidade e ali encontrasse Kathleen a dançar com Kenneth Wayne. Afloraram, de improviso á supeficie todo o seu rancor, todo o seu odio antigo, e sem a menor ceremonia, elle arrancou a menina dos braços do seu par.

Kathleen exigio uma explicação, mas por unica resposta, John disse-lhe:

— Aquelle rapaz é filho do pae delle... e é quanto basta!

Sem mais, levou-a para casa.

Kenneth viu-se só, defronte do Dr. Owen que tambem assistia á festa. E, espicaçado pela inesperada surpreza, não trepidou em dar expressão aos seus pensamentos:

— Mas que foi que fez meu pae áquelle homem? — interrogou, livido de espanto.

O Dr. Owen que até então se mantivera no seu papel de mudo espectador, respondeu bondosamente:

— Fosse o que fosse, que culpa tem o senhor?

Hostilisae o amor se desejaes que elle medre. Um principio que, no caso de Kathleen e Kenneth, não se desmentiu. Os dois continuaram a encontrar-se de ora em quando, e as cartas e recados, era o Dr. Owen quem os levava.

Não se sentia por isso desleal ao seu amigo, pois não podia, em sua consciencia, responsabilisar a Kenneth pelos peccados de seu pae. Além disso, era um velho, e o passado, para elle, era apenas o passado. Não assim para John Carteret: para esse, o passado era tudo.

Como porém para pessoas de bem é sempre difficil fazerem clandestinamente qualquer cousa, não se passou muito tempo sem que John Cartelet descobrisse para que lado soprava o vento. Uma carta interceptada exclareceu a situação: era uma carta de Kenneth, a convidar Kathleen para se encontrar com elle, e mais não foi preciso para arrastar o velho ao desvario. Surgiu dahi uma discussão entre elle e Owen, e Kathleen, entrando a reconcilial-os, conseguiu desviar a attenção de ambos do caso da carta, de que se originara tudo. Assim se acalmaram as coisas, por um curto espaço de tempo.

Como porém Kathleen adorava Kenneth, não teve animo de deixar sem resposta o convite, e acudindo ao jardim a encontrar-se com elle, ahi teve noticia de que o mancebo se alistara no exercito de Kitchener, e ia partir para França.

A guerra — e as despedidas que ella torna necessarias — precipitou o desfecho de não poucos casos de amor. Gracejando — mas bem a sério no fundo — Kathleen disse a Kenneth que não acreditava que elle soubesse fazer uma declaração de amor. Gracejando ainda, começou a dar-lhe instrucções a tal respeito, e foi em meio dessa lição que John entrou no jardim. Então com toda a dignidade compativel com a sua colera, expulsou de casa a Kenneth. As supplicas de Kathleen, salientando a circumstancia de que o mancebo ia partir para a guerra, não demoveram o ancião da sua colera. Nem sequer permittiu a Kathleen despedir-se, nenhum caso fazendo da peremptoria declaração de Kenneth.

Norma Talmadge

— Pouco importa! Com guerra ou sem guerra voltarei, e queira o Sr. ou não desposarei Kathleen!

Foi nessa noite, em presença do Dr. Owen, que John Casteret contou a Kathleen a historia da morte de sua tia, e o papel que nella havia representado Jeremias Wayne. Narrou-a dolorosamente, mas sem poupar detalhe algum, por mais que essa evocação fosse para elle, como se na velha ferida da sua alma lhe revolvessem um punhal. Kathleen escutou-o com incredulidade e horror. E John Carteret proseguiu até o fim, até á promessa, feita por Moonyeen, de que voltaria algum dia. E proseguiu, depois de hesitar por um momento:

— A principio, pensei que não me seria possivel resistir! Depois, uma noite em que estava sentado no jardim e tinha nos braços este brinquedo della — disse apontando a graciosa marionette — o luar desenhou contra a cancella a sombra deste brinquedo, e *Moonyeen voltou a mim!*

Kathleen e o Dr. Owen guardaram silencio um momento, quando elle acabou de falar. Mas logo depois Kathleen disse:

— E o senhor que tem coração para amar assim, como pode ser tão cruel para com o meu amor?

Refreiando o impulso do seu coração bondoso, John poz-se de pé, e respondeu:

— Porque tu és da raça de Moonyeen, e porque nas veias delle corre o sangue de Wayne! São coisas que se não podem juntar!

A colera latente que a meiguice de Kathleen disfarçava, despontou de chofre.

— Amo Kenneth, e vou despedir-me delle!

— Prohibo-te que o faças! — insistiu John, raivoso.

Kathleen fitou-o fixamente, bem nos olhos, e disse:

— Se eu acreditasse que Moonyeen realmente apparece, pediria agora a Deus que não a fizesse reapparecer jámais!

John e o Dr. Owen, que haviam ficado sós, começaram então a questionar. Era para John, uma situação desesperada: Kathleen, que elle amava, inconciliavel com elle, e o seu velho amigo, ao lado della.

Furioso de todo, não trepidou em annunciar a Owen que estavam rotas para sempre, as suas relações de tantos annos.

Entrementes, Kathleen que sabia o ponto d'onde partia o regimento de Kenneth, caminhava estrada abaixo. A marcha devia começar de uma velha estalagem, a "Estalagem de Jorge e do "Dragão". Estugando o passo, ali alcançou a menina quando os caminhões automoveis já resfolegavam, promptos a partir. Houve apenas tempo para um beijo, uma troca de promessas, e logo Kenneth se poz a caminho, e Kathleen se viu só, como tantas mulheres iam ficando, em todo o paiz, sem outra consolação senão a fé.

Circumstancia curiosa, depois da sua briga com Kathleen, John Carteret nunca mais poude ver a visão de Moonyeen. Podia, é certo, fazer uma sombra com a marionette, mas não era a mesma sombra. Era tão só uma sombra, mas o espirito que a glorificava desapparecera para sempre. Como podia elle adivinhar que fôra a colera o odio da sua alma que tudo tinha mudado? Como podia elle saber que o espirito da sua bem amada ainda lá estava á cancellinha verde, ancioso por entrar?

Passaram-se quatro annos. E comquanto de novo já florecessem ao papoulas na Flandres, não havia paz no jardimzinho inglez da casa de Carte-

ret. A porta que dava para casa de Owen cerrara-se desde que os dois tinham brigado, e o carteiro cessara de trazer cartas, com o carimbo da linha de frente. John — visivelmente alquebrado pelo passar dos annos — ainda guardava a semente de odio no coração, e procurava convencer-se de que podia passar sem o seu amigo, sem mesmo a sua recordação.

Para Kathleen, os annos tinham tambem sido cruéis. A principio tinham chegado regularmente as cartas de Kenneth, mas para o fim, tinham deixado de vir de todo. Só se podiam admittir duas hypotheses: uma que elle a houvesse esquecido; outra, que se não pudesse communicar com ella. Um e outro pensamento eram perturbadores. E agora que a guerra estava terminada, que os homens iam regressando aos seus lares, o seu espirito e o seu coração andavam num torvelinho.

Foi então, quando parecia não haver mais esperança, que Kenneth voltou. Voltou a coxear, porque a guerra o deixara para sempre maltratado numa das pernas. Deteve-se primeiro em casa do Dr. Owen, e dali seguiu para casa de John Carteret. A sua missão era bem extranha, pois estava resolvido a renunciar a qualquer esperança de se casar com Kathleen. Ter-se-ia mesmo retirado sem a ver, se não houvesse acontecido ella penetrar na sala precisamente quando elle ia sahindo.

Kathleen não lhe poude comprehender a attitude, mas porque era uma rapariga corajosa, buscou não deixar perceber a sua infinita emoção, e disfarçar as lagrimas, e contrafez-se a ponto de sorrir. Kenneth, que lhe surprehendera o sorriso, disse tristemente:

— Fazes bem, Kathleen, porque eu não mereço uma só lagrima tua!

Explicou então que as coisas haviam mudado, e que não se podia casar com ella. Qualquer pessoa menos apaixonada que Kathleen teria logo visto que Kenneth suspirava por apertal-a nos braços, mas Kathleen nada viu.

Só depois que elle se retirou, a passo incerto pelo jardim afóra, a moça se voltou para John Carteret e disse-lhe:

— O senhor conseguiu afinal levar-me Kenneth, tal e qual como Jeremias Wayne lhe levou a sua Moonyeen! Agora, odeio-o, e vou-me embora! Não posso ficar aqui nem mais um dia! — e precipitou-se para dentro de casa, desvairada.

John ficou muito tempo immovel, depois que ella partiu. Lá em cima, no seu quarto, Kathleen andava emmalando o que era seu, em preparativos para a partida. A lua que nasceu, pouco depois, ainda encontrou John immovel naquelle banco do jardim, sentindo que se adensava em volta delle um isolamento que estava a ponto de esmagal-o. Foi essa impressão que o poz de pé, e o fez chamar, por sobre a sébe divisoria, o Dr. Owen, assim quebrando um silencio que se vinha prolongando havia quatro annos.

— Velho amigo! — disse em voz tremula — Preciso, preciso de ti!

Kenneth, depois que se separara de Kathleen, voltara para casa do Dr. Owen. O chamado de John Carteret fez-se ouvir quando elle ainda ali estava e Kenneth poude assim escutar, o encontro dos dois amigos e John a titubear, dizendo:

— Kathleen, a nossa Kathleen, vae-me deixar para sempre!...

A magua daquelle grito póz de pé o mancebo, arrastou-o até junto do inimigo de seu pae. Com grande surpresa sua e do Dr. Owen, Carteret estendeu-lhe porém a mão:

— Kenneth, filho de Jeremias Wayne, — disse com grande dignidade — peço-te perdão! Concedes-m'o?

Kenneth apressou-se em apertar a mão tremula que se lhe estendia. E então, colhidos no mesmo impulso, ampararam-n'o, um de cada lado, e partiram com elle para o jardimzinho da casa de Carteret. Ali chegaram justamente quando Kathleen, pesadamente vestida para a viagem, dava um beijo de despedida á velha Helena. Ao vel-a, Kenneth recuou, como sob a oppressão de uma agonia physica:

— Mas eu sou um aleijado! — disse quasi a soluçar — Eu não a mereço!

Só então tudo se esclareceu. Fôra por motivo da sua deformidade, daquella perna ferida, que Kenneth se afastara de sua noiva. Chegada á hora de cumprir seu dever e realisar o objectivo da sua vida, recuara do proprio limiar da felicidade. Um grande sacrificio, mas sacrificio esse em que Kathleen, por motivos puramente egoistas, não podia consentir.

Deixando a sós os namorados, os dois velhos esgueiraram-se da casa para o jardim e ali começaram a degladiar-se ao dominó. No meio da partida, John ficou porém a dormir, e Owen, com um sorriso bondoso, se retirou nas pontas dos pés para a sua propria casa. Ficou John sosinho, ao luar...

Ao luar, sosinho? Não, sosinho não: porque durante o seu sonho uma figura linda, radiante no seu vestido branco, no seu longo véo de noiva, atravessava a cancellinha do jardim, sorrindo. E na figura adormecida, pareceu que alguma coisa despertava de repente, e John, remoçado de cincoenta annos, se adiantou a receber a sua noiva de outr'óra. E a sua voz, uma voz em que vibrava a alegria da primavera, dizia bem alto, num arrebatamento irresistivel.

— Ah, idolatrada! Mil vezes seja Deus abençoado que te trouxe de novo a mim!

— Nunca daqui sahi, mas não me podias ver porque persistias na tua obstinação... porque teimavas em conservar separadas coisas feitas para se unirem!

— Mas agora que tudo reparei, ficaremos juntos para sempre? — interrogou pressuroso John.

Moonyeen acenou, com meiguice, que sim. Depois, numa comprehensão subita, John cobriu o rosto com as mãos.

— Mas tu estás tal qual naquella noite... e eu estou velho! — fez num queixume.

Moonyeen interrompeu-o, e a sua voz se esmaltou em risos:

— Olha para ali! — disse apontando com um dedo afuselado a cadeira em que John estivera ha pouco.

John voltou os olhos para traz, numa agonia e só então percebeu que se passara: A dormir na cadeira, ficara o seu velho corpo, mas olhando-se, de alto e baixo, viu que estava vestido com a sua roupa de casamento, que não havia rugas nas suas mãos, que os seus labios eram firmes e tensos.

— E' um milagre! exclamou. — E' um milagre!

— Sim, é o milagre do Amor! — disse a voz affectuosa de Moonyeen.

— Mas então — volveu sombriamente a voz de John — é uma loucura ter medo de morrer?

De novo Moonyeen respondeu, desta vez com uma voz mais carinhosa e suave do que nunca:

— Alguns teem medo, sim; *mas viveriam em um sorriso perenne, atravez os annos, se pudessem adivinhar o que os espera ao termo do caminho!*

A MULHER PERFEITA

(Fim)

ao prisioneiro, Mary soprou-lhe ao ouvido algumas palavras, desenvolvendo toda a força provocad ra de um *coquetismo* irresistviel. Não era á tôa que o vendedor de amendoim lhe satisfizera os caprichos da sua gulodice de menina; não era á tôa que ella exercitava requebros e olhares languidos, quando se recolhia ao seu quarto, no palacete Stanhope... Aquelles olhos... a

revelação de que ella era da comparsaria... e o cerbero não hesitou em confiar nella.

Alguns instantes após elle pagava a sua imprudencia, rolando no chão com a cabeça fendida por um vaso de bronze, que nas mãos de Mary se transformara em uma arma perigosa.

Aquelle estava fóra de combate. Mary fez um signal com os olhos a James e dirigiu-se ao outro bandido, de sentinella em posto differente. Este era mais moço e foi trabalho mais facil.

Coube a vez, em seguida, a Grimes, o chefe do bando. Com este a tarefa offereceu alguma difficuldade, mas o revólver de James, de que ella se armara, foi efficaz.

Uma hora depois todos os quatro individuos estavam reduzidos á impotencia, o criado era despachado em busca da policia, e James reconhecia que a rapariga, com a frivolidade dos seus trapos, a *coquetterie* do seu sorriso e com a sua serena intrepidez havia salvo a vida delle, a vida de sua mãe, sua casa, seus bens... Reconhecia tambem que estava apaixonado por ella, mas sabia, ou suppunha saber, que tudo quanto ella fizera não fôra por elle... Toda a bravura da joven era por causa do seu dinheiro... Não fosse elle rico e aquella rapariga não estaria em sua causa... A theoria della era ser bella como meio para alcançar um fim. Elle amava-a demasiado para pensar em compral-a. Era melhor deixal-a partir quando terminasse a semana do aviso que lhe fôra dada para abandonar as sus funcções. A triste mentalidade de James sobre as mulheres obliterava-lhe inteiramente o senso. Habituando-se a ver em todas as mesmas doudivanas que haviam passado pela sua adolescencia, agora, que seu coração pulsava vigoroso, sob o influxo de uma funda impressão por uma creatura digna do seu affecto, elle sentia como que uma barreira intransponivel entre si e a felicidade que lhe promettiam os olhos ternos e sonhadores de Mary. Mas, se elle pudesse vel-a naquelle momento, sentiria na torrente de lagrimas que lhe corria dos olhos, ao contemplar, no silencio do seu quarto, o retrato delle, que aquella, pelo menos, era differente das outras.

Finda a semana, Mary retirou-se e foi trabalhar para o socio de James, homem duplamente mais rico do que elle. Ali não era mais a "Miss Mills", mas simplesmente Mary. Mary sem mais nada. Entretanto, a imagem de James não lhe sahia do espirito. Como no primeiro dia em que o vira na conferencia, ella repetia que James era o seu typo, que ella o queria, que elle era toda a sua vida. James pensava que ella ambicionava o seu dinheiro. Mary não ignorava, mas ella havia de provar-lhe o contrario.

O acaso veiu auxilial-a nessa prova, permittindo que certo dia o rapaz ouvisse as propostas que o seu socio, e actual patrão de Mary, fazia a esta.

Por que não o acceitava ella para marido ? insistia elle. Não era elle rico bastante para lhe dar tudo quanto se comprasse com dinheiro.

James perdeu toda a sua philosophia nesse momento. Abandonado pelas suas theorias, elle tremia como um collegial á espera do castigo.

— Céos ! que iria ella responder ?

Oh ! nunca elle suppuzera que as palavras pudessem revestir-se de significação tão horrivel... James reteve a respiração que offegava... e a voz de Mary chegou até a elle, muito lenta, muito suave... E a voz dizia:

— O dinheiro não me póde dar nada, Sr. Simmons; nada do que eu desejo. O senhor equivocou-se, é natural. Eu amo alguem... alguem que não me ama... que não tem confiança em mim ou que não acredita em mim. Seu dinheiro não me poderia dar nada disso, e isso é tudo... que eu desejo...

Simmons suspirou e não quiz permanecer por mais tempo diante daquella creatura que lhe falara com tanta tristeza e tanta resignação. Estendeu-lhe a mão e, já á porta, exclamou para ella num impulso de incontida sinceridade:

— O homem que não acredita em vós, senhorita, deve ser um idiota !

Pela outra porta entrou James, e, tomando Mary nos braços, beijou-lhe commovido os olhos, sombreados de negro, os labios avivados de carmin, os cabellos frisados e rebeldes e todas aquellas frivolidades que formavam no seu conjunto, a perfeição da mulher que elle amava.

RESOLUÇÃO

(Fim)

isto parecia coincidir com as noticias trazidas de Paris por Warburton.

Durante sua ausencia de Paris, Warburton conserva-se em contacto com a sua quadrilha e arranja de maneira que Melvale esteja na "Ostra Alegre", no momento da chegada delle e de suas amigas á capital franceza. Dirigindo-se ao café, elles, de facto, deparam ali com o rapaz em estado de embriaguez e em colloquio amoroso com uma das associadas de Warburton, a tal filha da Whitechapel Mary.

Frances, difficilmente acredita no que seus olhos vêem, e, dirigindo-se ao rapaz, chama-o pelo seu nome, e recebe em resposta apenas um olhar de indifferença.

Lucky, da mesma fórma que Frances, não se póde, em absoluto, convencer de que o homem que a protegeu em Whitechapel é o mesmo que ella ali encontra com o nome de Melvale, naquella existencia desregrada.

Deixando o café naquella noite, depois de gastar o seu ultimo vintem, Melvale encontra arrimo na bondade de Lucky, que o leva para o seu quarto e cheia de cuidados solicitos ajuda-o a readquirir sua saude compromettida e sua dignidade periclitante. Voltam ambos juntos para a Inglaterra e vão morar para o bairro de Whitechapel. Vistos pelos membros da quadrilha de Warburton, que continúa na firme supposição de que Melvale e Morton são uma e a mesma cousa, o rapaz é arrebatado pelos bandidos e atirado, através de uma porta-alçapão, para a adega da casa.

Descobrindo onde está sequestrado o seu amigo, Lucky escala o telhado e está a ponto de conseguir a evasão de Melvale, quando Warburton e seus comparsas lhe cortam tambem a retirada.

A esse tempo, John Morton, que estivera na Escocia, regressa á sua "missão", onde de novo se encontra com Frances, que o accusa de haver estado em Paris.

Morton prova, facilmente, a inverdade da suspeita, muito embora Warburton tenha feito publicar nos jornaes narrativas das estroinices de Melvale em Paris, fazendo um verdadeiro relatorio da duplicidade de vida de Morton.

Ao regressar da Escocia, John Morton é chamado ao escriptorio do notario, por motivo da herança de seu pae, e sabe assim, pela primeira vez, que tem um irmão gemeo.

John Morton, pae, era um typo absolutamente excentrico; pouco antes de morrer, fez o seu testamento estabelecendo que seus dois filhos não poderiam entrar em pleno goso da herança antes dos trinta annos, que era o tempo necessario para que elles houvessem resolvido se a sua carreira na vida seria para o bem ou para o mal.

Ao regressar da Escocia, John lha de Whitechapel Mary, visitando a megera da mãe, soube que se ella e o seu bando não retractassem as informações que haviam feito publicar nos jornaes contra John Morton, seria sua mãe levada a ajustar severas contas com a policia.

Lembrando-se do que Morton havia feito por sua progenitora, a rapariga foi, espontaneamente, informar a policia do logar onde estava sequestrado Melvale.

Acompanhada pelos agentes da Scotland Yard, a autoridade deu um assalto ao sotão em que o rapaz era conservado prisioneiro, salvando-o e á sua companheira, e deitando as garras em Warburton e na sua quadrilha.

Descobriu-se, então, que Warburton não era apenas um torpe lord, senão tambem um criminoso, assassino de seu tio, de cujo titulo se apropriara indebitamente.

Lucky leva Malvale á "missão" e ali é confrontado com seu irmão gemeo, John Morton.

Comprehendendo o que seu irmão conseguira, graças á resolução de caminhar na vida em linha recta, James Melvale decide auxilial-o na sua grande obra de benemerencia.

A PAGINA DOS NOSSOS LEITORES

Bello Horizonte, 14-1-923.

Sr. Operador do *Para todos...*

Affectuoso saudar.

Acompanho com vivo interesse os progressos e conquistas de sua magnifica revista, e animada pela certeza do interesse que o *Para todos...* toma pelos assumptos cinematographicos, é que endereço esta ao seu distincto Operador, contando em vel-a na pagina dedicada aos leitores.

E' o seguinte, Sr. Operador:

Bello Horizonte, capital da mais importante unidade da Federação, precisa reagir contra os proprietarios de seus cinemas.

Senão, vejamos: — No anno que findou havia seis cinemas nesta capital: o *Odeon*, para familias da melhor sociedade; *Pathé*, para a classe média e *Commercio*, *America*, *Popular* e *Floresta*, para o povinho de baixa escala; ia tudo muito bem — havia selecção.

No corrente anno, o Sr. Gomes Nogueira, unico proprietario de todos os cinemas, fechou o *America* e o *Popular*, abrindo o *Avenida*, com grandes dimensões e "exclusivamente familiar", segundo os annuncios. Ora, Sr. Operador, fechando dois cinemas, cujos *habitués* eram habitantes da Floresta e Calafate, dois indecentes bairros horizontinos, e abrindo outro nas proximidades dos extinctos, aconteceu o que seria facil de se prever — a malta da Floresta, Calafate, rua Caethés e adjacencias, invadiu o novo cinema, tornando-o, portanto intoleravel para as familias que se prezam! Pois bem, o Sr. Gomes Nogueira, vendo o fracasso de sua nova casa de diversões, tomou uma resolução devéras aggressiva — determinou que as super-producções Paramount e First National só passem no *Avenida*, reservando para o *Odeon* as eternas baboseiras da Fox, Universal e Ufa!!!

E, por isso, as familias da melhor sociedade horizontina são obrigadas a frequentar o novo cinema, sentando-se na mesma fila que a escoria da Floresta e Barro Preto, gente sem compostura, que de cinema só comprehende as carreiras ridiculas de Tom Mix e quejandas!

Nós, as moças, somos forçadas a abdicar do nosso amor ao cinema, porque não temos para quem appellar, pois os moços de Bello Horizonte são inertes, pacatos, pacatissimos, inimigos de *meetings*, de reacções, de quaesquer manifestações, emfim, uns grandissimos toleirões!

Perdõe-me, Sr. Operador, a sem-cerimonia com que me sirvo de suas columnas para um desabafo, e esperando que estas palavras encontrem éco no *Para todos...*, sou a leitora assidua e muito amiga — NIVEA DELORME.

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS		PREÇO DA VENDA AVULSA	
Um anno (Serie de 52 ns.)	48$000	No Rio	1$000
" semestre (26 ns.)	25$000	Nos Estados	
Estrangeiro	60$000		

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que foram tomadas e só serão aceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131.

Succursal em S. Paulo, Rua Direita n. 7, sobrado, Tel. Cent. 3832. Caixa Postal Q.

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

BEATRIZ (São Carlos) — A sua graphia é o espelho de uma natureza delicada, expansiva, mas de espirito sem paixão e quasi sempre frio. E' sonhadora e alimenta-se muito do ideal. Entretanto, possue uma vontade forte e é tenaz nos seus desejos. Seu coração é bondoso, mas pouco sensivel ao amor terreno.

CATINGUEIRO (Rio) — E' um homem de espirito recto, methodico, paciente. Possue uma grande capacidade de trabalho. Sendo muito rico de instinctos sensuaes, é, ao mesmo tempo, inveterado idealista. Nunca perde a esperança de um salto na vida, que o torne materialmente afastado. Sua vontade é forte, mas varia de processos para obter o que deseja. Grande perspicacia no trato com os homens, sem dissimulação, pois cultiva a franqueza. Tem bondade cordial e algum amor ao dinheiro.

NANDA (Paquetá) — Natureza leal e simples. Contenta-se facilmente com o que tem e até faz do pouco muito. Haverá nisso uma influencia do amor proprio, contraria á confissão de qualquer fraqueza. Sua tendencia é para o lado pratico da vida, não por incapacidade de idealisar, mas por simples questão de bom senso. Quanto á pergunta que faz, parece ter ficado respondida affirmativamente. Quem se contenta com o que tem não póde deixar de ser feliz...

J. TASHE (Rio) — Temperamento idealista, mas sujeito a influencia colericas. Quer isso dizer que o seu idealismo é muito precario, tanto mais quanto as manifestações colericas serão quasi sempre por ambições contrariadas. Mas não desanima e reage bem em face das contrariedades mostrando assim grandeza d'alma. Pouca bondade de coração apezar do esforço apparentar philanthropia.

ZIUL (Rio) — Defeitos propriamente só o excessivo amor aos prazeres e a relativa imponderação do espirito.

No mais possue boas qualidades de trabalho, tem uma vontade firme, é amavel, insinuante e serviçal. Não nos escapou a intensidade do traço dissimilatorio, mas isso é um defeito tão commum, que já tem categoria de virtude.

Aproveitando o ensejo, respondemos que só o nome já chega, mas é pouco.

POTY (Rio) — Tem a graphia dos voluptuosos, dos que cultivam a luxuria mas envolta em mantos idealistas. Ao mesmo tempo mostra indelevelmente possuir a bossa commercial ou a tendencia para as occupações rendosas sem grande esforço intellectual. O seu espirito é vibrante, mas tem pouca sinceridade. A vontade é facil de vencer por falta de tenacidade, salvo quando em causa a satisfação dos seus instinctos sensuaes.

Off. graphica d'O MALHO